

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ELENIR ALMEIDA SANTOS

**A PERCEPÇÃO SOCIOAMBIENTAL DOS MORADORES DA VILA TORRES –
CURITIBA/PR: SUBSÍDIOS À IMPLEMENTAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS**

CURITIBA

2011

ELENIR ALMEIDA SANTOS

**A PERCEPÇÃO SOCIOAMBIENTAL DOS MORADORES DA VILA TORRES –
CURITIBA/PR: SUBSÍDIOS À IMPLEMENTAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação, Meio Ambiente e Desenvolvimento, da Universidade Federal do Paraná – UFPR, como requisito parcial para a obtenção do Título de Especialista.

Orientadores

Prof. Dr. José Edmilson de Souza Lima

Prof^a. Dr^a. Sandra Mara Maciel de Lima

Curitiba

2011



Universidade Federal do Paraná
Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento
Especialização em Educação Meio Ambiente e Desenvolvimento

Ata da sessão pública da monografia do grau de Especialista em Educação Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná. Aos vinte e seis dias do mês de agosto de dois mil e onze, às 19:30 horas na Sede do Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos da banca de monografia, constituída pelos seguintes Professores: José Edmilson de Souza Lima, Sandra Mara Maciel de Lima (orientadores) e João Batista Alves sob o título “*A Percepção sociambiental dos moradores da Vila Torres – Curitiba-Pr.: subsídios à implantação de políticas públicas*” de autoria de **ELENIR ALMEIDA SANTOS** tendo obtido os seguintes conceitos: Professores: José Edmilson de Souza Lima (A) Sandra Mara Maciel de Lima (A) e João Batista Alves(A). Em seguida foi declarada aprovada e receberá o título de Especialista em Educação Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná. Nada mais havendo a tratar foi encerrada a presente sessão a qual será assinada pela banca examinadora.

Curitiba, 29 de agosto de 2011.

Prof. Dr. José Edmilson de Souza Lima

Prof. Dra. Sandra Mara Maciel de Lima

Prof.Dd. João Batista Alves

Do rio que tudo arrasta, se diz que é violento. Mas ninguém diz violentas as margens que o comprimem.

Bertolt Brecht

Dedico este trabalho aos moradores da Vila Torres, a quem passei a conhecer e respeitar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sempre iluminar o meu caminho.

À minha mãe, Maria Izauri, por nunca poupar esforços em me ajudar.

Ao meu marido Ademir Máximo, que está ao meu lado na alegria e na tristeza, na saúde e na doença; que acredita sempre nos meus propósitos, pelo amor e imprescindível ajuda.

Aos meus filhos Leandro e Letícia, que me encham de alegrias e novidades, que me chamam a deixar os estudos e me divertir com suas brincadeiras até adormecerem à minha espera.

Ao Prof. José Edmilson de Souza Lima, “nosso iluminado”, que despertou em mim outro olhar sobre a problemática socioambiental, desde as primeiras aulas. Pelas valiosas sugestões e pela paciência durante a orientação.

À Prof^a Sandra Mara Maciel de Lima, pelo cuidado e disponibilidade no esclarecimento das dúvidas durante a orientação.

À amiga e geógrafa Lilliam Rosa Prado dos Santos, pela longa amizade e pelas sugestões no trabalho.

À amiga e geógrafa Adriana Rita Tremarin, pela indispensável ajuda na elaboração dos mapas.

Ao Colégio Medianeira pelo apoio e investimento na minha formação.

Aos moradores da Vila Torres que se dispuseram a participar dessa pesquisa.

À Luzia Martins, pelos livros emprestados.

À Eva - não encontro palavras para agradecer a você - pela boa vontade em me acompanhar durante a pesquisa de campo. E também ao Léo, por ter disponibilizado o aconchego de sua residência para receber alguns entrevistados.

Aos amigos que fiz no curso de Especialização – MADE, pelas calorosas discussões que muito contribuíram para a minha formação acadêmica (e humana).

RESUMO

Neste estudo procuramos investigar a percepção socioambiental dos moradores da Vila Torres, em Curitiba-PR, identificando seus valores, manifestações, angústias e conquistas; a fim de que as subjetividades aqui reveladas possam dar pistas aos gestores da Cidade sobre como desenvolver políticas públicas que contemplem suas necessidades.

Partimos de uma concepção de sustentabilidade em que a pobreza e a exclusão social são também consideradas como problemas ambientais e o homem pensado como parte do ambiente.

Nesse sentido, concebemos o lugar como local privilegiado dos embates do cotidiano, onde acontece a interação Homem-ambiente.

Palavras-chave: percepção, socioambiental, políticas públicas, sustentabilidade, ambiente, lugar, subjetividades.

ABSTRACT

This study sought to investigate the social and environmental awareness of residents of the Vila Torres, Curitiba-PR, identifying their values, expressions, worries and achievements, so that the subjectivities revealed here may provide clues to the city manager about how to develop public policies that address their needs.

We start with a concept of sustainability in which poverty and a. social exclusion are also considered environmental problems and the man thought of as part of the environment.

In this sense, we designed the place as a privileged site of the conflicts of everyday life, where is the human-environment interaction.

Keywords: perception, social and environmental, public policy, sustainability, environment, place, subjectivity.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Bacias hidrográficas de Curitiba

Mapa 2 - Localização da área de estudo

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Rio Belém na Vila Torres

Foto 2 - Vila Torres: ocupação nas margens do Rio Belém

Foto 3 - Vila Torres na década de 1980. - Vista da Av. Comendador Franco

Foto 4 - Vila Torres - Vista da Rua Guabirota

Foto 5 (A e B) - Residências de carrinheiros Vila Torres

Foto 6 - Depósito de lixo reciclável Vila Torres

Foto 7 - Vila Torres: acúmulo de material reciclável

Foto 8 - Vila Torres: área interna de depósito de lixo reciclável

Foto 9 - Biblioteca comunitária Sinval Zaidane Lobato Machado – Vila Torres

Foto 10 - Praça na Comunidade da Vila Torres: manifestações através de faixas

Foto 12 - Lixo espalhado na rua – Vila Torres

Foto 13 - Montanhas de lixo reciclável na Comunidade

Foto 14 (A e B) - Centro de Formação Santos Dias – Vila Torres

Foto 15 - Vila Torres – contato com moradores

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Gênero dos entrevistados

Figura 2 - Intervalos de idades dos entrevistados

Figura 3 - Ocupação dos entrevistados

Figura 4 - Escolaridade dos entrevistados

Figura 5 - Tempo de residência dos entrevistados

Figura 6 - Local de origem

Figura 7 - Renda mensal familiar dos entrevistados

Figura 8 - Percentual das respostas dos entrevistados por categoria. *“Qual a primeira palavra que vem à sua cabeça quando o assunto é meio ambiente?”*

Figura 9 - Definição de meio ambiente pelos entrevistados, representada em categorias

Figura 10 - Elementos que fazem parte do meio ambiente, segundo os entrevistados

Figura 11 - Por que é importante preservar o meio ambiente, segundo os entrevistados.

Figura 12 - Palavra/ expressão que “traduz” a Vila Torres, segundo os entrevistados.

Figura 13 - Importância das leis que protegem o meio ambiente, segundo os entrevistados

Figura 14 - Conhecimento de Programa/Projeto pelos entrevistados

Figura 15 - Identificação dos Programas/Projetos pelos entrevistados

Figura 16 - Percentual de resposta para a questão “a Prefeitura Municipal é atuante na Comunidade?”

Figura 17 - Satisfação dos entrevistados quanto à atuação da Prefeitura na resolução dos problemas socioambientais.

Figura 18 - Áreas em que a Prefeitura está atuando, segundo os entrevistados

Figura 19 - A consideração do meio ambiente nas decisões da Prefeitura, segundo os entrevistados

Figura 20 - O(s) responsável (eis) pelo meio ambiente local, segundo os entrevistados

Figura 21 - Participação dos entrevistados nas tomadas de decisão.

Figura 22 - Frequência de participação dos entrevistados.

Figura 23 - Meios utilizados pelos entrevistados para contatar a Prefeitura.

Figura 24 - Mapa Mental – morador 1

Figura 25 - Mapa Mental - morador 2

Figura 26 - Mapa Mental – morador 3

Figura 27 - Mapa Mental – morador 4

Figura 28 - Mapa Mental – morador 5

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - *“Qual a primeira palavra que vem à sua cabeça quando o assunto é meio ambiente?”* – respostas agrupadas por categorias.

QUADRO 2 - *“O que você entende por meio ambiente”* – respostas agrupadas por categorias.

QUADRO 3 - Justificativa dos moradores sobre a importância da preservação ambiental, respostas agrupadas em categorias

QUADRO 4 - Lista de problemas ambientais globais e que também ocorrem na Comunidade, segundo os entrevistados.

QUADRO 5 - Sugestões dos entrevistados, seu agrupamento em categorias e questões centrais levantadas por eles.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Caracterização geográfica da área de estudo	16
1.2 Vila Torres: breve histórico	22
1.3 A Vila Torres no contexto curitibano atual	30
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	38
2.1 Os estudos de percepção e o olhar geográfico	38
2.2 A percepção socioambiental e as políticas públicas	43
3 METODOLOGIA	47
3.1 Procedimentos metodológicos	49
3.1.1 Pesquisa bibliográfica	49
3.1.2 Observação	50
3.1.3 Entrevistas semi-estruturadas	51
3.1.4 Mapas mentais	54
3.1.5 História de Vida	55
3.1.6 Falas espontâneas dos moradores	56
4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	57
4.1 Entrevistas	57
4.2 Mapas mentais	77
4.3 Histórias de Vida	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	90
APÊNDICE	93

1 INTRODUÇÃO

O tema central estudado nesta monografia foi a percepção socioambiental dos moradores de uma ex-ocupação irregular na cidade de Curitiba-PR.

O objetivo geral do trabalho consistiu em conhecer como os moradores da Vila Torres percebem o ambiente em que vivem e tornar visíveis essas subjetividades.

Os objetivos específicos perseguidos durante a pesquisa visaram identificar as estratégias desenvolvidas por essa parcela da população curitibana para construir suas vidas num cenário de exclusão social e degradação ambiental.

Também fez parte dos nossos objetivos apreender quais são as necessidades e expectativas da comunidade para a criação de políticas que atendam seus anseios.

Por fim, pretendemos produzir um estudo que possa servir de subsídios para mobilização da Comunidade em busca de melhores condições socioambientais.

Quando se considera a percepção das pessoas, as intervenções do poder público têm maiores chances de envolverem os cidadãos em ações a favor de suas políticas.

A concepção de ambiente que permeia esse trabalho remete ao seu conceito mais amplo, incluindo o elemento Homem nas discussões acerca da problemática ambiental, por isso adotamos o termo socioambiental.

O interesse em discutir essa temática surgiu das inquietações diante das precárias condições de uma parcela da população curitibana e a consequente deterioração do ambiente onde vivem. Por isso, a Vila Torres – um mundo (desconhecido) em ebulição dentro da “Capital Ecológica”, que não pode ser negado pelo poder público.

Apesar da importância do tema, as discussões sobre percepção da população ainda parecem sofrer “preconceito” tanto dentro da academia como pelos gestores municipais, estaduais e federais. Isso revela, entre outras coisas, a invisibilidade das camadas mais carentes da população para grande parte da sociedade.

Para a elaboração e implementação de políticas públicas, o lugar vivido e percebido pelo cidadão deve ser fundamental. Um projeto que no gabinete dos

gestores da cidade demonstra sucesso poderá “naufragar” se não for considerada para sua elaboração, a percepção dos moradores do lugar.

Mas, será que os gestores municipais ao elaborarem as políticas públicas socioambientais consideram as expectativas e anseios da parcela da população que vive a margem da sociedade? A concepção de ambiente e de sustentabilidade não está carecendo de novas discussões dentro da administração pública?

Questionar o modelo de desenvolvimento que empurra milhares de pessoas para as cidades todos os anos e um processo de urbanização que não assegura o “direito à cidade”, também são questões que precisam fazer parte de nossas preocupações quando tratamos de sustentabilidade.

Nesse sentido, muitas áreas do conhecimento têm contribuído com aportes significativos no entendimento da percepção ambiental, ressignificada nesta pesquisa, como *percepção socioambiental*.

Sobressaem-se nesses estudos duas abordagens teóricas: o estruturalismo e a fenomenologia, em meio a muitas críticas; seja por ranços do paradigma positivista, seja por não apresentar referências claras; afirmam alguns pesquisadores.

O fato é que não se pode desconsiderar a importância de várias pesquisas no sentido de dar maior visibilidade aos estudos de percepção.

MARIN (2008) destaca dentre essas abordagens: a análise sobre imaginação e afetividade na sua relação com o ambiente, visto na *Poética do Espaço* (1993) do filósofo Bachelard. Também os estudos das dimensões simbólicas da relação ser humano-ambiente em *A filosofia das formas simbólicas* (2001) de Ernest Cassirer e Mircea Eliade e *Imagens e símbolos* (1991) dos mesmos autores. Abordagens sobre as constituições imaginárias da relação sociedade-natureza aparecem em *No fundo das aparências* (1996) do sociólogo Mafessoli. As aproximações epistemológicas entre a Teoria Estética e a percepção ambiental são vistas em *Estética e filosofia* (2002) de Dufrenne, *Estética* (1992) de Quintás e na análise dos espaços vividos de Bachelard. Também Merleau Ponty com a *Fenomenologia da Percepção* (1999) trouxe interessantes contribuições.

Contudo, a presente monografia busca lançar o olhar da Ciência Geográfica no estudo da percepção socioambiental por meio da análise da categoria lugar.

A Geografia Humanística (ou Humanista) coloca-se aí como referência imprescindível, visto que valoriza o lugar, seus habitantes, percepções e atitudes. A

fenomenologia aparece como método de interpretação da realidade. Oliveira (2006) coloca que o mundo vivido fundado na experiência que o homem tem com o seu meio ambiente, constitui-se assim, a maior expressão de seu conteúdo.

Conforme Oliveira, esse caráter humanista na Geografia se estrutura incorporando às suas análises traços do antigo humanismo como visão antropocêntrica do saber, abordagem holística, considerando o homem como produto da cultura, não apenas pelas análises das propriedades objetivas, mas também, considerando a sua subjetividade e significados, transformando-o em lugar.

De fato, a ação humana a ser estudada dentro de um contexto, não se resume à soma das partes, mas na integração das mesmas, evidencia a totalidade. Rompe-se com as generalizações, sobretudo porque a cultura só pode ser analisada a partir dos códigos e valores dos grupos que a criaram.

Mas a Geografia Humanística recebe algumas críticas de outras vertentes dessa Ciência, sobretudo da Geografia Marxista, ressaltando que a primeira deixa a desejar quando se refere ao desenvolvimento de aportes teóricos, baseando-se, frequentemente, nas pesquisas empíricas ou acabam no “idealismo fenomenológico” (COSGROVE, 1998).

Uma geografia humanista considera a cultura como central para seu objetivo: compreender o mundo vivido de grupos humanos. Uma geografia marxista deve reconhecer que o mundo vivido, apesar de simbolicamente constituído, é material e não deve negar sua objetividade (COSGROVE, 1998, p.6).

Evangelista (1997) afirma que numa compreensão marxista, a consciência é determinada pela vida, enquanto para a fenomenologia a consciência é o próprio indivíduo que por uma interpretação pessoal reflete sobre a sociedade. Assim, no marxismo há uma importância às estruturas sociais enquanto meio para compreender a sociedade, a visão fenomenológica, por sua vez, destaca o papel da individualidade para compreender esta mesma sociedade. Enquanto, pela visão marxista, é criticada na Geografia Humanística a ênfase na cultura e nas ações individuais; o geógrafo humanista critica a Geografia apoiada no marxismo por destacar o aspecto econômico e racionalista da sociedade e diminuir o papel que a individualidade tem para a organização social de uma dada sociedade.

Entretanto, as duas abordagens na Geografia se aproximam ao buscar a fuga do determinismo geográfico ou econômico, destacando a historicidade da relação entre os Homens e a natureza.

Não se trata aqui de entrar no mérito dessa discussão, nosso interesse foi investigar como os sujeitos estabelecidos percebem o ambiente na Vila Torres.

Portanto, esta pesquisa se fundamenta teórica e metodologicamente na percepção. Adotou-se então, assumidamente uma abordagem humanista para análise num diálogo com concepções marxistas.

Para o desenvolvimento da pesquisa, fez-se necessário, inicialmente, realizar a caracterização geográfica da área de estudo, bem como um breve histórico sobre a formação da Vila Torres e sua inserção no contexto curitibano; a fim de compreender o lugar e seus habitantes.

Os temas centrais que permearam a discussão na fundamentação teórica foram: a percepção socioambiental, o lugar como espaço de significação e o conceito de políticas públicas. Como embasamento a essas discussões foram resgatados os estudos de Yu Fu Tuan, Nilza Oliveira, Milton Santos, Eduardo Yázigi, Martinez Alier; dentre outros.

1.1 Caracterização geográfica da área de estudo

Curitiba possui seis bacias hidrográficas, são elas: bacia do Rio Passaúna, bacia do Barigui, bacia do Belém, bacia do Atuba-Bacacheri, bacia do Ribeirão dos Padilhas e bacia do Iguaçu (Mapa 1).

A bacia do rio Belém, onde está a Vila Torres, possui 84 km², sua área de drenagem representa cerca de 20% da área do Município de Curitiba e abriga aproximadamente 50% de sua população.

Vários problemas têm ocorrido na bacia hidrográfica do rio Belém, formada por bairros densamente ocupados, incluindo o Centro da cidade e outros 35 bairros.

Essa bacia apresenta diversas áreas cujos condicionantes naturais como relevo, geologia e hidrografia tornam desaconselhável sua ocupação. Contudo, mesmo com esses condicionantes, a urbanização se intensificou ao

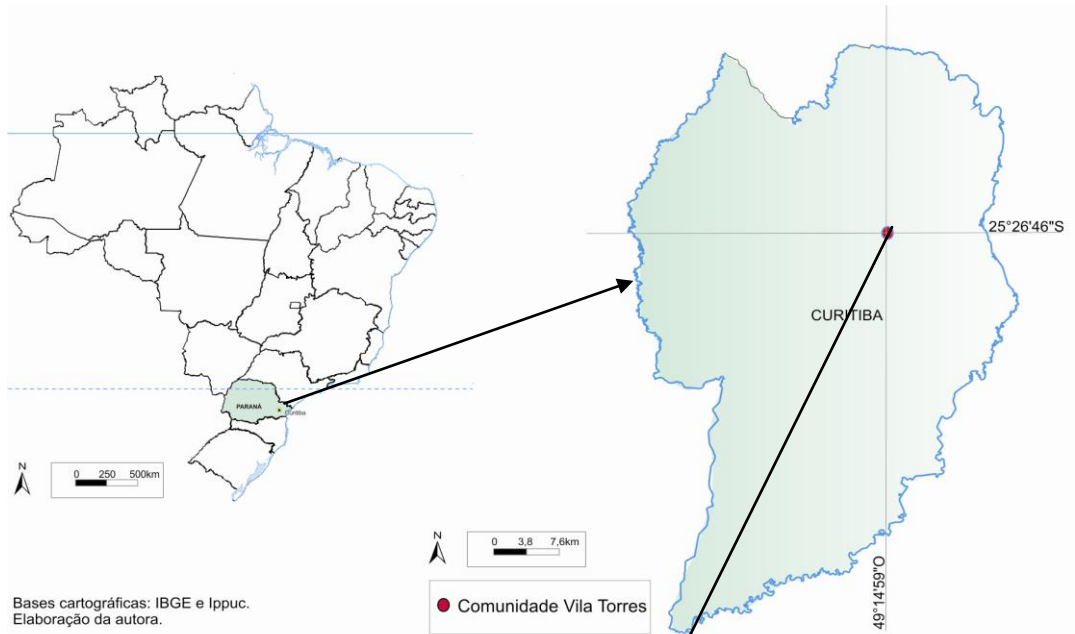
longo dos anos, impermeabilizando o solo e instalando-se nas margens dos rios e córregos que formam a bacia, fatores que têm acarretado inúmeros problemas relacionados à drenagem e às inundações urbanas.

Mapa 1 - Bacias hidrográficas de Curitiba



A comunidade da Vila Torres, objeto deste estudo, nasceu no início de 1950, às margens do Rio Belém. Trata-se de uma ex-ocupação irregular, localizada a dois quilômetros do centro de Curitiba, possui quase 200 mil m², localiza-se entre os bairros Prado Velho e Jardim Botânico, fazendo divisa com o bairro do Rebouças. Pertencente à administração regional Matriz do município de Curitiba, é delimitada pelas ruas Guabirota, Manoel Martins de Abreu, Hipólito de Araújo e pelo segundo maior rio em extensão da cidade, o Rio Belém, pertencente à Bacia Hidrográfica do Rio Belém. A Vila faz divisa com a PUC-PR, além disso, está bem próxima a UFPR (campus Jardim Botânico), a dois colégios particulares (Esperança e Medianeira) e ao Centro Integrado de Empresários e Trabalhadores do Paraná – FIEP/SESI/SENAI/CIEP/IEL (Mapa 2).

Mapa 2 - Localização da área de estudo



Bases cartográficas: IBGE e Ippuc.
Elaboração da autora.



Fonte: Ippuc
Elaboração da autora.

Apesar de estar localizada entre bairros de classe média de Curitiba, a Vila Torres se encontra às margens do rio Belém. O rio Belém é inteiramente curitibano: tem sua nascente (no bairro Cachoeira, norte da cidade) e sua foz (nas cavas do rio Iguaçu, no bairro Boqueirão, sul da cidade) dentro da capital paranaense.

Localizado num perímetro urbano, este rio tornou-se um dos receptáculos do esgoto doméstico e industrial da cidade de Curitiba. Com suas margens totalmente ocupadas, percebemos graves problemas como a retirada de sua mata ciliar, poluição, contaminação, erosão, assoreamento, canalização, impermeabilização urbana (asfalto, calçamento e construções civis) que impede a absorção de água que deveria realimentar o rio.

A própria população curitibana não reconhece o rio Belém como um elemento natural da paisagem da cidade, dado o grau de alteração que foi feito nesse corpo d'água. Sua estrutura natural, com a fauna e mata ciliar foi tão modificada que o rio apresenta-se, nos trechos visíveis, como um canal coletor de esgoto doméstico e industrial apenas.

Verifica-se, aliás, que os limites estabelecidos por lei para a ocupação das margens de qualquer rio no Brasil, (30m na época das ocupações), foram desrespeitados no rio Belém, não só no trecho de ocupação da Vila Torres, mas em todo o seu trajeto, quando percorre bairros de classe média, áreas densamente povoadas como o centro da cidade, parques, cemitérios, indústrias e comércios em Curitiba.

Foto 1 – Rio Belém na Vila Torres



Foto: Elenir A. Santos

A responsabilidade pela poluição, desrespeito e degradação do rio acaba recaindo sobre a população carente que ocupou as suas margens, como é o caso dos moradores da Vila Torres.

Contudo, durante o crescimento populacional de Curitiba, a ocupação das margens do rio Belém foi tão descontrolada que o valor da terra por onde o rio passa adquiriu um valor considerável principalmente por transitar em áreas centrais da cidade.

Como a área que deveria ser tomada pelo rio em seus transbordamentos foi intensamente ocupada pelas edificações, os alagamentos que já ocorriam desde o início do século XX, passaram a ser cada vez mais constantes na cidade. Em 1977 o rio foi canalizado.

Ocupam suas margens, retificam seu curso e canalizam suas águas; este é o processo pelo qual os rios urbanos passaram em várias cidades brasileiras. Sua utilização como canal de esgoto nunca se resolve.

Conforme Duarte (2006) esconde-se o problema na região central para que ele emerga algumas quadras depois, como um rio sobrecarregado pelas ligações clandestinas de esgoto, como um rio morto. Assim é o rio Belém.

Duarte (2006) ressalta que enquanto a população mais carente recebe a culpa pela morte do rio, edifícios do centro da cidade, cuja ocupação cobriu o rio e suas margens, utilizam-no como canal de esgotamento sanitário escondido nos subterrâneos da cidade. Mais à frente o rio emerge e corre, por alguns quilômetros, por meandros urbanos, voltando à superfície em alguns trechos da cidade (Foto 2).

Mas, e aqueles que ocupam as margens de um rio por não ter outra opção de moradia? Que encontraram ali uma área pública, portanto, não estão transgredindo os limites de propriedade de ninguém em particular e que passam a conviver com os problemas típicos de quem habita essas áreas nas grandes cidades: enchentes, poluição e contaminação do solo e da água, doenças, presença de animais transmissores de doenças, enfim, com várias dificuldades que impedem a sobrevivência digna a esses moradores? É assim, nesta realidade que vivem os moradores da Vila Torres, desde a década de 1950, quando se iniciou esta ocupação.

Foto 2 - Vila Torres: ocupação nas margens do Rio Belém



Fonte: <http://ippucnet.ippuc.org.br/BancoDeDados/Curitibaemdados/mostrarfoto.php>.

Acessado em 15/07/2011

1.2 Vila Torres: breve histórico

Fez-se necessário reconstituir um pouco da história dessa comunidade para entender, posteriormente, seus valores e aspirações. Para tanto, foi de grande importância os depoimentos de moradores contidos na obra “Como ela é – a Vila das Torres contada por seus habitantes”, realizada pelo Clube de Mães União Vila das Torres e organizada pela jornalista Adriane Lazaroto. Muitos dos depoimentos contidos no livro foram confirmados durante as entrevistas e Histórias de Vida utilizadas na metodologia deste trabalho.

Pessoas vindas do interior do Paraná, principalmente do Norte do estado, muitos expulsos da agricultura pela mecanização e também a busca por tratamento médico mais especializado, motivaram a vinda desses cidadãos para a capital paranaense. Diante das condições em que se encontravam, a única alternativa foi a ocupação. Entre 1950 e 1970, se poderia ver a maior ocupação irregular de Curitiba – a Favela do Capanema, com 700 famílias e cerca de 3.000 pessoas.

Este foi o contexto socioeconômico que deu origem a comunidade da Vila Torres.

Sobre isso, vejamos depoimentos de moradores:

Eu, minha mãe, meu pai e quatro irmãos chegamos na Vila dia quinze de novembro de 1969. Morávamos no norte do Paraná e, por passar fome e não ter muita coisa, viemos para cá sem conhecer nada.... (depoimento de morador há 35 anos citado por LAZAROTO, 2004 p. 48)

Eu e minha família viemos do Mato Grosso quando eu tinha quatro anos. Meu pai veio fazer tratamento médico no Hospital de Clínicas (HC). Minha tia falou que Curitiba era melhor para se tratar. (depoimento de moradora há 39 anos citado por LAZAROTO, 2004 p. 38)

Inicialmente a comunidade da Vila Torres ficou conhecida como “Favela do Capanema” denominação que vigorou até meados de 1970 aproximadamente, quando ainda era uma “vilinha” dentro da ocupação maior na mesma região (citada anteriormente) e que foi dissolvida pelo poder público no processo de desfavelamento da cidade.

Durante o processo de “limpeza” das ocupações irregulares, a população foi empurrada para bairros mais distantes e aquela “vilinha” que se tornaria a Vila Torres permaneceu resistente ali herdando o nome original da ocupação maior.

Essa política de desfavelamento fazia parte do projeto “Política Habitacional de Interesse Social”, vigorou durante a década de 1970. A Prefeitura sob a justificativa de que o padrão socioeconômico daquelas pessoas dificultaria sua integração à cidade se ali permanecessem, distribuiu essas pessoas em bairros mais periféricos, deixando-as distantes da população de alta renda.

Nessa época, a comunidade da Vila Torres, já havia se consolidado naquele local, já havia um “lugar” sendo gestado através das relações de solidariedade em meio à escassez. Reagiram às inúmeras tentativas de expulsão. Poderíamos então dizer que a Vila Torres é um remanescente da Favela do Capanema (Foto 3).

Foto 3 - Vila Torres na década de 1980. - Vista da Av. Comendador Franco.



Fonte. COHAB-CT.

Houve uma época em que foi eleito um certo senhor para prefeito e que queria tirar os moradores de todo jeito da Vila, não podíamos nem fazer nada. Os empregados da prefeitura vinham e derrubavam os barracos [...] tocavam os cachorros em cima de nós, foi um período muito sufocante para todos. Eles conseguiram tirar o povo do morrão, mas nós... Não conseguiram não. (depoimento de moradora citado por LAZAROTO, 2004, p. 31).

Depois passou a ser chamada de “Vila Pinto”, o que não agradou a população da comunidade, alguns moradores afirmam que esse nome apareceu por causa de um time de futebol e de seu campo chamado de Campo dos Pintos. Há também quem diga que eram comuns criações de galinhas e pintinhos na comunidade, daí o nome Vila Pinto. Com relação a isso, Bianchini (2006), escreve que

As ocupações irregulares acabam cumprindo um papel de mediador entre o campo e a cidade para quem não tem outra opção de emprego e sustento. A adaptação desse morador, muitas vezes, torna-se lenta, pois ele traz os costumes rurais consigo e com isso o rompimento torna-se mais lento.

Verifica-se em algumas ações de moradores essa influência em seu cotidiano, por exemplo, a criação de animais domésticos (pássaros, gatos e cachorros) e para o seu sustento (cavalos, porcos, galinhas), de plantações básicas para sua alimentação como hortaliças e frutas. Trata-se de uma relação na qual o ‘homem deixa o campo, mas o

campo não deixa o homem' o que é necessário para a sua sobrevivência nesta nova realidade. (BIANCHINI, 2006, pp. 24-25)

Posteriormente, durante a gestão de Rafael Greca como Prefeito de Curitiba, entre 1993 e 1996, ela passou a ter nome oficial de Vila Torres, chamada pela maioria dos moradores de Vila das Torres. Esse nome deve-se aos 18 quilômetros de torres de alta tensão da Companhia de Energia Elétrica (COPEL) instaladas ao longo da principal via próxima à comunidade: a Av. Comendador Franco, conhecida popularmente, também como Av. das Torres.

Grande parte do território que hoje é ocupado pela comunidade da Vila Torres pertencia inicialmente a 27 proprietários, entre eles podemos citar os Irmãos Mauad, o Moinho Graciosa e a Empresa Princesa do Norte entre outros.

Um dos terrenos era do Moinho Graciosa que queria tomar posse novamente. Nessa área tinha vinte e seis famílias. A empresa fez um programa de doação de cestas básicas e pediu que as famílias assinassem um papel que receberam essas cestas. A Graciosa pegou as assinaturas e entrou na justiça com uma ação de despejo. Como eles não puderam despejar, recorreram e pediram para demandar... (depoimento de morador há 23 anos citado por LAZAROTO, 2004 p. 24).

Alguns documentos trazem que a fábrica do Moinho Graciosa ocupava uma área da Prefeitura da cidade. Durante a gestão de Roberto Requião como prefeito, foi proposta uma “troca” à empresa: as 26 famílias continuavam ocupando aquela área do Moinho e a fábrica continuava em terreno da Prefeitura em outro local.

Conforme mencionado na caracterização geográfica, os condicionantes naturais da área onde está a Vila Torres são desaconselháveis à ocupação, vejamos alguns relatos de antigos moradores.

Quando eu vim morar na Vila não tinha rua nem casa, só tinha barraco. Era a coisa mais horrível do mundo... Muitos cavalos e vacas morreram na Vila, porque ficavam atolados”. (depoimento de moradora há mais de 38 anos *citado por* LAZAROTO, 2004 p. 43)

Essa Avenida das Torres nem existia, quando chovia era uma enxurrada que descia do morro da formiga ... [...]. Colocávamos duas sacolas de plástico nos pés e tínhamos que dar a volta na Vila, porque para atravessar o rio Belém só tinha uma pinguela [...] que rodava quando chovia; e assim que chegávamos a Taborda (mercearia) que era onde iniciava o asfalto, tirávamos as sacolas e

íamos para o centro com os sapatos bem limpinhos, ninguém dizia que nós morávamos na favela. (depoimento de moradora *citado por LAZAROTO, 2004, p. 31*).

Antigamente podia jogar um caminhão de terra aqui na Vila que sumia, porque era tudo alagado. Era a mesma coisa que jogar uma colher de farinha em um copo com água. Tivemos que colocar mil e seiscentos caminhões de terra pra o canal Belém ser aterrado. (depoimento de morador há 30 anos *citado por LAZAROTO, 2004, p. 27*).

As condições das habitações nas primeiras décadas eram ainda mais precárias. O que nos leva a refletir sobre como o combate à pobreza deve ser tratado em conjunto com a preservação ambiental.

A situação pela qual os moradores da Vila Torres e tantos outros nesse país passaram e ainda passam de certa forma, impõe, quase sempre, um dano ao meio ambiente e também à saúde dos que ali habitam e, também, para toda a sociedade. Desprovidos do mínimo necessário, incluída aí a água tratada, ficam expostos e expõem os demais habitantes ao contágio de doenças provenientes do estado de precariedade em que vivem (Foto 4).

Foto 4 – Vila Torres - Vista da Rua Guabirota



Fonte: COHAB-CT.

Essa situação nos leva a pensar sobre qual a sua concepção de meio ambiente e de natureza que essas pessoas possuem? O que será tratado mais adiante na metodologia.

Algumas declarações dos primeiros moradores da Vila revelam claramente o que acabamos de afirmar:

No começo só encontrei dificuldades. As casas eram todas uns barraquinhos. Era mato crescido debaixo da minha cama, às vezes eu tinha que levantar e cortar o mato pra poder dormir. Na Vila só tinha uma ponte de madeira, não tinha rua nem água e luz. (depoimento de morador há 30 anos *citado por* LAZAROTO, 2004, p. 27).

Comprei um barraco, era tudo lama. Tinha valeta em volta da casa. Arrumava latas de leite com minha patroa para eu, meus filhos e meu ex-marido fazer as necessidades. Fazia um buraco e enterrava as latas. [...] Meus filhos queriam ver TV, e como não tinha, eles colocavam um lençol no varal e pela luz da lua viam as pessoas passarem. Parecia uma TV. (depoimento de moradora há 31 anos *citado por* LAZAROTO, 2004, p. 29).

Até um tempo atrás, os ratos comiam tudo, até a fiação da máquina de lavar roupa. Eles entravam nas panelas, eu tinha muito medo. (depoimento de moradora há 34 anos *citado por* LAZAROTO, 2004, p. 46).

Durante décadas a comunidade conviveu com a precariedade das condições sanitárias, das habitações e também com o tamanho dos lotes em medidas inadequadas. Permanecer ali não era fácil, só mesmo a teimosia e a resistência, que costumam emergir em momentos de necessidades imperativas, poderiam mover as aspirações dessas pessoas.

O poder público, ora deixava-os entregues à própria sorte, ora tentava expulsá-los do local, quando não coibia iniciativas da população por melhorias.

Era uma época de grandes dificuldades, porque a Prefeitura não se interessava muito pelos problemas dos moradores. Foram anos de luta para que as melhorias começassem a chegar. Em 1980 ou 1981, chegou a luz elétrica e a água encanada. Por isso pudemos fechar os poços e deixar as filas nas torneiras comunitárias. (depoimento de morador há 28 anos *citado por* LAZAROTO, 2004, p. 32).

Um dos principais instrumentos de luta dessa comunidade foram os mutirões. “Assim, todos reunidos, partilham da construção das obras necessárias a cada membro segundo certas regras definidas pela própria comunidade” (Grande Enciclopédia Larousse Cultural - 1990).

Verifica-se a importância dos mutirões para essa comunidade, a força da união permite que todos possam crescer e melhorar juntos, pela cooperação. As regras são definidas pelo próprio grupo com a participação igualitária de todos.

A característica mais marcante dos mutirões é o espírito de solidariedade que ele desperta em uma comunidade, e, por isso, ele é muito mais necessário em regiões onde a carência econômica é maior.

Eu ajudei a abrir valeta para as pessoas encanarem água... [...] Os barraquinhos eram cobertos de plástico e de folha. (depoimento de morador há 23 anos citado por LAZAROTO, 2004, p. 50).

Batalhamos pelo campo de futebol. A Vila precisava de uma área de esporte. Conseguimos a grama e a drenagem para a reinauguração do campo que já existia, mas não tinha condições de uso e nem manutenção. (depoimento de morador há 10 anos citado por LAZAROTO, 2004, p. 66).

As conquistas das ações da comunidade fizeram surgir alguns líderes locais que falam envaidecidos de suas atuações, vejamos:

Era o tempo da associação de catadores, tudo era melhor, o pessoal podia opinar. Então, um dia dei a idéia de asfaltar a descida para o rio, porque quebrava muito carrinho. Algum tempo depois asfaltaram. Fiquei feliz porque a minha idéia deu certo (depoimento de morador há 12 anos *citado por* LAZAROTO, 2004, p. 58).

O que mais eu sinto orgulho, foi quando pedi o semáforo para a Rua Guabirota. Tenho o registro de que ajudei a conseguir. Foi um pensamento meu... (depoimento de morador há 10 anos *citado por* LAZAROTO, 2004, p. 62).

Foram décadas de luta dessa comunidade em busca de um mínimo de condições de sobrevivência na “Capital Ecológica” e “Social”.

Em 1994, durante a gestão do prefeito Rafael Greca, foi desenvolvido na Vila Torres o projeto Vila dos Ofícios. Trata-se da construção de sobrados geminados com dimensões variando entre 43 m² a 137 m², onde no pavimento

superior atenderia a função de moradia e no pavimento térreo, a função de serviços ou comércio. A Vila Torres possuía 56 dessas unidades, cujo objetivo do programa era permitir a inserção da população de baixa renda nas atividades produtivas e de prestação de serviços. A ideia inicial era treinar os moradores através do Programa Liceu de Ofícios para trabalharem como cabeleireiros, sapateiros, chaveiros etc.

A falta de êxito do projeto Vila dos Ofícios na Vila Torres, deveu-se ao fato do tamanho das moradias serem insuficientes para moradia e trabalho e também por não permitir ampliações em sua estrutura. Também a localização desses sobrados dentro da Vila não proporcionava bom movimento de pessoas, o que limitava o comércio. Atualmente, apenas seis daquelas 56 unidades ainda funcionam.

Vejamos o depoimento de um morador:

Não gosto de morar desse lado dos predinhos (Vila de Ofícios). O nosso lado é ruim porque depois que fizeram a ponte, misturou todas as pessoas. Eu e metade dos moradores dos predinhos não aceitamos a Vila de Ofícios. Nós não ganhamos nem escritura. Pagamos por quatro anos uma prestação pelo predinho, mas deixaram de cobrar e até hoje não falaram mais nada. (depoimento de morador há 39 anos da Vila das Torres *citado por* LAZAROTO, 2004, p. 40).

Em 1996, a maior parte da área já havia sido regularizada pela COHAB-CT e a própria comunidade passou a investir na melhoria das casas, das quais passou a ser dono. Houve, a partir daí, um grande aumento demográfico na Vila Torres. Alguns moradores lembram com saudades dos tempos em que chegaram à Vila, apesar do sofrimento:

Aqueles foram tempos difíceis, mas as pessoas se conheciam mais, tinham esperança de melhora e lutavam pelas mesmas coisas. Havia mais confiança entre os moradores. As melhorias vieram, mas com elas aumentaram a insegurança e a desconfiança. A superpopulação do bairro trouxe problemas de infraestrutura como esgoto e lixo. Não tínhamos água nem luz, porém as crianças podiam brincar na rua até o anoitecer e as pessoas voltavam do trabalho no escuro, mas em segurança. (depoimento de morador há 28 anos *citado por* LAZAROTO, 2004, p. 32-33).

Às vezes criticamos o bairro pelas drogas, malandragem, prostituição, mas isso foi consequência do aumento da população que infelizmente traz consigo este tipo de problema. (depoimento de morador da Vila das Torres há 10 anos *citado por* LAZAROTO, 2004, p. 64).

1.3 A Vila Torres no contexto curitibano atual

Atualmente vivem na Vila Torres aproximadamente 9 mil pessoas, apenas 10% da população – 850 moradores – estão em situação irregular.

Uma “linha” divide fisicamente e simbolicamente a Comunidade: a rua Guabirota, essa via é um dos principais acessos à PUC-PR, ao Jardim Botânico além de facilitar o acesso ao Aeroporto Internacional Affonso Pena pela Av. das Torres.

O cruzamento da Rua Guabirota com a Avenida das Torres, também seu trecho que cruza a Vila, a Rua Imaculada Conceição no trajeto que passa em frente à Pontifícia Universidade Católica do Paraná constituem-se num dos pontos mais violentos da cidade devido aos assaltos, roubos e furtos aos veículos que param nos semáforos.

Essa rua representou até poucos meses atrás, a “linha proibida”, entre a parte de cima da Vila e a parte de baixo; comandadas por facções rivais do tráfico de drogas.

O campo de futebol da comunidade fica “no lado de baixo”, menor, menos habitado – com aproximadamente 3 mil habitantes – onde estão também a Unidade de Saúde, a creche, o Centro de Referência de Assistência Social - CRAS, as duas escolas da região e o posto policial. O “lado de cima” é maior e onde está concentrado pelo menos metade dos 50 estabelecimentos comerciais da Vila.

Quando o clima está tenso entre os dois territórios da Vila, os jogos de futebol ficam suspensos no único campo dividido pelos vários times. Os moradores já sabem que quando o campo está vazio não é bom sinal. A comunidade possui seis times de futebol: Palmeirinha, Vasquinho, Grêminho, Flamenguinho, Fluminense e Boca Juniors.

No início de 2011, não se sabe ainda os motivos, mas os grupos rivais desses territórios decidiram por fim (ou dar uma trégua) à violência. O fato é que, depois disso, as pessoas da comunidade circulam de um lado para outro sem problemas.

Atualmente 1.500 dos moradores da Vila vivem da coleta de lixo reciclável. Conforme relatos de alguns moradores, nos anos 90, estes carrinheiros perderam o único depósito que tinham para depositar o lixo que coletavam ao longo de um dia

de trabalho. Segundo eles, o barracão estava em área pertencente ao Paraná Clube.

A partir daí a única alternativa foi guardar o lixo coletado no quintal de suas casas (Foto 5 A/B) , o que acentuou problemas como aumento do número de roedores, acúmulo de lixo nas ruas e nos quintais, além de mau cheiro.

Foto 5 (A e B) - Residências de carrinheiros - Vila Torres



Foto A: Elenir A. Santos

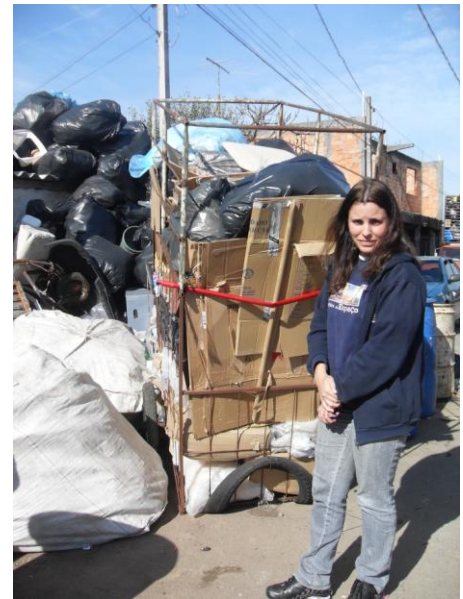


Foto B: Eva dos Santos

Outro problema enfrentado pelos catadores de lixo reciclável refere-se aos donos dos depósitos (Foto 6). Estes depósitos, em número superior a 80, ficam na própria comunidade, aonde montanhas de lixo vão se acumulando até os caminhões das indústrias de reciclagem aparecer, geralmente ao final da manhã, para levar todo o material (Fotos 7 e 8).

Os carrinheiros são obrigados a se submeter às condições de trabalho impostas pelos donos dos depósitos, que são também proprietários dos barracos e carrinhos alugados aos catadores. Esses “atravessadores” determinam cotas diárias de material que precisa ser coletado (aproximadamente 200 kg), o carrinheiro que não cumprir essa cota, precisa deixar o local.

Foto 6- Depósito de lixo reciclável Vila Torres



Foto: Rosalvo B. da Silva

As condições precárias de trabalho e moradia no meio do lixo são comuns na Vila Torres e essa relação com os proprietários dos depósitos gera um regime que mais parece um “cativeiro” imposto pelos donos dos meios de produção, pouco sobrando para a sobrevivência do catador e de sua família.

Foto 7 – Vila Torres: acúmulo de material reciclável



Fonte: Gazeta do Povo

Foto 8- Vila Torres: área interna de depósito de lixo reciclável



Foto: Elenir A. Santos

Mesmo as famílias que não precisam viver nos depósitos, acabam se submetendo ao preço pago por eles pelo material separado. Muitas famílias trabalham em esquema de revezamento, assim quando a esposa chega a casa, o marido pega o carrinho e sai para sua jornada; ganham em média, R\$ 200,00 por mês.

A população da comunidade que não vive da reciclagem do lixo queixa-se bastante dessa situação, embora compreenda a necessidade dos carrinheiros.

Uma das reivindicações mais latentes entre os catadores é a construção de creches para suas crianças, poupando-as do desconforto vivido nas viagens dentro dos carrinhos de lixo.

Outra reclamação refere-se ao caminhão do Lixo que não é Lixo, querem o fim dessa coleta na cidade, por considerarem concorrente deles.

Alguns depoimentos espontâneos dos carrinheiros revelaram problemas de saúde como dores nas costas e nas pernas, dores musculares, dores de estômago e de cabeça, entre outras; é o corpo reclamando das condições de trabalho dessas pessoas.

Durante a visita à comunidade, foi possível observar algumas iniciativas da comunidade, entre elas: um museu com fotos antigas da Vila das Torres, objetos

antigos e quadros, muito dessas peças encontradas no lixo da cidade. José Francisco Sanches - o Baleia foi o criador deste espaço.

Há também na Vila, uma biblioteca inaugurada em 2009 (Foto 9), criada por Baleia e idealizada por Carlos Roberto Teles, o palhaço Chameguinho.

Essa biblioteca surgiu a partir de livros retirados do lixo. A sensibilidade de Chameguinho que viu nas centenas de livros encontrados pelos catadores de recicláveis e a iniciativa de Baleia em recuperar e organizar esse material trouxe um espaço de leitura surpreendente para aquela comunidade.

No começo, os catadores vendiam os livros que encontravam para Baleia por um preço irrisório. Segundo Baleia, às vezes, chegavam com coleções inteiras, resgatadas do lixo.

Mas depois, Baleia decidiu que tudo teria de ser feito na base da doação. E a maioria dos catadores passou a entregar os livros de graça quando os achava.

Atualmente, a biblioteca conta com 6.780 livros, e também recebe obras doadas por várias entidades. Além disso, possui um computador recebido de doação, para administrar o acervo. Estudantes das universidades mais próximas da comunidade desenvolveram um programa para “empréstimo” e “devolução” dos livros que já haviam sido catalogados por estudantes de biblioteconomia das universidades PUC e UFPR.

Livros de Literatura Brasileira, História, Direito; além de literatura infantil podem ser emprestados da biblioteca pelas pessoas da comunidade, basta fazer a ficha.

Foto 9 – Biblioteca comunitária Sinval Zaidane Lobato Machado – Vila Torres



Foto: Elenir A. Santos

Também existe bem próximo à biblioteca, uma praça de leitura construída por Baleia. Neste espaço, ele pintou pneus velhos e pedras transformando-os em mesas e cadeiras. A praça toda pintada de verde e amarelo possui uma placa onde está escrito “Vila das Torres: você consegue” e outra com os dizeres “minha rua, cuido eu” (Foto 10).

Foto 10 - Praça na Comunidade da Vila Torres - Manifestações através de faixas



Foto: Molina

A Vila Torres possui uma Agenda 21 Local há cerca de dois anos, coordenada por Marcos E. Santos que é também presidente da Associação de Moradores. Dentre as atividades da Agenda Local destacam-se plantios de árvores, o que ainda não foi incorporado de fato, como valor para a comunidade, pois em poucos dias as mudas são destruídas; também a busca de cursos técnicos e profissionalizantes junto ao poder público para os jovens da comunidade.

Atualmente, observam-se na Vila Torres habitações com vários pavimentos, um em cima do outro, construídos pelo próprio morador ao longo dos anos, à medida que consegue recursos financeiros para comprar o material de construção, sem ter o momento certo da construção finalizada (Foto 11).

Encontram-se também na comunidade, moradias de madeiras e outros materiais, construídas sem condições de ventilação adequada e muito adensadas.

Foto 11- Vila Torres: aspecto geral das casas



Foto: Elenir A. Santos

Conforme vamos adentrando ao interior da Vila, a precariedade se mostra mais presente: muito lixo e material reciclável nas ruas (Foto 12), além montanhas de lixo que se destacam na paisagem de algumas ruas (Foto 13). Esses materiais atraem muitos ratos e insetos, essa queixa foi recorrente durante as conversas com os moradores.

Segundo a diretora da Unidade de Saúde que atende a comunidade, existe muita preocupação com dengue, leptospirose, além do tétano.

Foto 12- Lixo espalhado na rua – Vila Torres



Foto: Eva Santos

Foto 13 – Montanhas de lixo reciclável na Comunidade



Foto: Eva Santos

O comércio local é administrado por famílias inteiras, destacam-se bares, mercearias e minimercados. Os comerciantes, de modo geral, relatam a fidelidade de sua freguesia, dizem que o sucesso do negócio dentro da Vila, está ligado aos laços de amizade que existem na comunidade.

Nos locais grandes, ninguém te conhece, ninguém te olha. Aqui, a procura é por semelhança, por gente como a gente. (Siqueira, motorista e dono de bar).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Os estudos de percepção e o olhar geográfico

*A Vila das Torres foi...
Um dia...um sonho impossível
Uma realidade que maltrata
Uma presença distante
A busca parecia sem fim.*

*Para mim a Vila das Torres é...
Uma esperança que não acabou,
Uma difícil realidade,
Mas é um horizonte muito além
Me é um sonho possível,
E meu único objetivo.*

*A gente já quebrou muitas telhas
Mas não deixamos e nem deixaremos
cair nossa construção.*

(Irenilda Arruda, moradora da Vila Torres há 40 anos)

A percepção ambiental, concebida neste trabalho como percepção socioambiental, refere-se ao conjunto das experiências individuais exploradas por nossas sensações e experimentadas por nossos sentidos, verifica-se isso nas atividades cotidianas e também nas pausas que fazemos para observação.

Os valores, os interesses, as expectativas, as motivações influenciam na percepção das pessoas, portanto a percepção é diferente em cada indivíduo.

O Homem relaciona-se com tudo que está ao seu redor, criando diversos tipos de trocas entre ele com outros humanos e outras espécies também. Do mesmo modo, emergem intercâmbios entre ele (o Homem) e os objetos que o cercam e com os ambientes que lhes dão respostas sensitivas e cognitivas.

As pessoas de diferentes culturas não se relacionam com o espaço da mesma maneira, um filtro cultural orientará a forma como cada grupo de indivíduos vislumbrará os objetos no espaço. Mesmo considerando a peculiaridade cultural, a

unidade de análise neste caso, é o próprio Homem orientado pelas relações que ele estabelece com outros seres (de sua espécie e de outras) e com o espaço a favor de suas necessidades e de suas relações como outro.

Para Elali (2003),

a percepção ambiental é um processo individual fortemente dependente de nossas características pessoais e interesses específicos do observador (...), e que se altera em função do tempo e dos diferentes tipos de contato da pessoa com o lugar (ELALI, 2003, p.165).

De grande importância nesses estudos, tem sido as discussões de Yi-Fu-Tuan (1980), em sua obra ele conceitua topofilia como o laço afetivo entre as pessoas e o lugar ou o ambiente circundante. O autor explora a importância dos sentidos humanos como traços comuns nos estudos de percepção. Esses traços comuns de percepção são a visão, o tato, a audição, o olfato e a percepção com todos os sentidos.

A percepção gerada a partir da união desses sentidos é o que faz estabelecer um vínculo com o local visitado, isto é, um ser humano percebe o mundo simultaneamente através de todos os seus sentidos.

Contudo, Tuan (1980) destaca o papel da visão ao perceber com mais objetividade o meio ambiente. Segundo ele,

percepções, atitudes e valores nos ajudam, em primeiro lugar, a entendermos a nós mesmos. Sem essa compreensão, não poderíamos abrigar esperanças de encontrar soluções permanentes aos problemas ambientais, que são fundamentalmente, problemas humanos. (TUAN, 1980, P.9)

Nesse sentido, Martinez Alier (2005), diz que as sociedades ou os grupos sociais agem sobre o meio ambiente de acordo com as representações que fazem de suas relações com ele. Estas representações favorecem ou, ao contrário, exercem um efeito limitador sobre as extrações devastadoras. Assim, a história da natureza, a nossa percepção dela, é uma construção social, mas também política e cultural; que deve ser sempre analisada dando visibilidade aos diversos atores sociais envolvidos.

Conforme Tuan (1980), a percepção é a resposta dos sentidos aos estímulos externos, mas é também o processo específico pelos quais certos fenômenos se registram claramente; enquanto a atitude é uma postura que se toma com respeito ao mundo, se forma pela experiência e solidez de interesses e valores. A cosmovisão (ou visão de mundo) supõe que as atitudes e as crenças estejam estruturadas.

Para compreendermos as várias maneiras de comportamento e simbolismo espacial é necessário considerar que

[...] de algum modo todos eles se referem à maneira pela qual os seres humanos respondem ao seu ambiente físico – a percepção que dele têm e o valor que nele colocam (TUAN,1980, p.11).

Nos estudos de Oliveira (2006) é destacado que a percepção socioambiental enfatiza o papel do homem como tomador de decisões e como portador de uma cultura. Ele usa suas decisões e sistemas de valores como caminhos para desvendar os conteúdos de nossa “caixa preta” pelo exame das relações entre o mundo exterior ao homem e as imagens deste mundo em sua cabeça.

O conceito de percepção socioambiental assume que cada homem tem uma “imagem” do mundo, e que em uma dada cultura essas imagens são amplamente compartilhadas.

Oliveira (2006) enfatiza que,

Duas pessoas não vêem a mesma realidade, nem dois grupos sociais fazem a mesma avaliação do meio ambiente, pois estas diferentes percepções sofrem influências de diversos fatores como a cultura, o sexo, a idade e as experiências com o lugar apesar da percepção ser única são necessariamente emolduradas pela inteligência que fornece as formas cognitivas numa maneira de interpretar ou reestruturar a realidade atribuindo-lhe significado. (OLIVEIRA, 1983 citado por, OLIVEIRA, 2006, p.45).

Portanto, o meio ambiente exerce um papel importante nessa relação, pois “pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais”. (TUAN 1980, p.155.). O lugar aqui é concebido como espaço vivido, experienciado e leva ao surgimento da identidade dos indivíduos, os quais criam laços afetivos com ele.

Para Silva (1986) “o lugar é algo que sugere alegria, ou solidão, ou nostalgia ou tensão”. Assim, os sentimentos, as sensações e a percepção que as pessoas têm do espaço onde vivem nos dão a dimensão exata do que é necessário considerar para compreender o que vem a ser um lugar. Não podemos delimitar um lugar, ele pode ser uma região, um bairro, uma casa, um país. O grau de identidade entre as pessoas e o lugar a que se referem é que vai dar significado ao termo.

Brandão (1996) salienta que o lugar é categoria fundamental do espaço do homem, é síntese de passado e presente, é residência de significação.

Mas, o lugar também possui uma “alma” (ou personalidade) que Yázigi (2001) coloca como as características materiais ou não, que marcam um espaço geográfico.

De acordo com Yázigi (2001),

a personalidade do lugar resulta das várias características do ser humano e do entorno natural estabelecendo as bases para a vida cotidiana que proporcionam o sentimento de pertencimento. (YÁZIGI, 2001, p.45).

Essa “arrumação” se sustenta em peculiaridades que dão suporte a personalidade do lugar: história; costumes; arquitetura; urbanismo com suas ruas, barrancos e bocas malditas; detalhes e adornos; tipos humanos e suas relações com o meio e a região; pertença; formas linguísticas; mitos; fantasmas e aparições de santa; esconderijos; sons específicos; astral; segredos e todos diferenciais próprios do meio ambiente (relevo, hidrografia, fauna, flora, clima, luminosidade etc.). Desta forma, mesmo que existam lugares com as mesmas misturas, há a especificidade do uso que a comunidade faz destas produzindo a diferença e, portanto, a identidade. Neste caso, Yázigi afirma que “a ordem dos fatores altera o produto”.

Para Yázigi (2001) ao se pensar na estrutura da personalidade do lugar, a paisagem assume especial destaque, pois é precisamente dela que nos chega muito da percepção.

Milton Santos (1996) ampliou o conceito de lugar conferindo-lhe também uma conotação política:

mundo e lugar se constituem num par indissociável, tornando, no entanto, o lugar como categoria real, concreta. O lugar é também, o

espaço da existência e da coexistência. O lugar é o palpável, que recebe os impactos do mundo. O lugar é controlado remotamente pelo mundo. No lugar, portanto, reside a única possibilidade de resistência aos processos perversos do mundo, dada a possibilidade real e efetiva da comunicação, da troca de informação e da construção política. (Santos ,1996, p.17)

Assim, Santos (1993), ressalta que o cidadão é um indivíduo num lugar.

A República somente será democrática quando considerar todos os cidadãos como iguais, independente do lugar onde estejam. (Santos 1993, p. 123).

Essa construção política que se dá no lugar, na maioria das vezes carrega a luta pela sobrevivência. Portanto, são problemas ambientais; se considerarmos o ambiente num sentido mais amplo.

Alier (2005), traz essa discussão nos seguintes termos:

os movimentos sociais dos pobres estão frequentemente relacionados com suas lutas pela sobrevivência, e são portanto ecologistas – qualquer que seja o idioma em que se expressem – enquanto que seus objetivos são definidos em termos das necessidades ecológicas para a vida: energia (incluindo as calorias da comida), água, espaço para habitar. Também são movimentos ecologistas porque tratam de retirar os recursos naturais da esfera econômica, do sistema de mercado generalizado, da racionalidade mercantil, da valoração crematística (redução do valor a custos-benefícios) para mantê-los ou devolvê-los à oikonomia (no sentido com o qual Aristóteles usou a palavra, parecido com ecologia humana, oposto a crematística). Assim, uma “economia moral” vem a ser o mesmo que uma economia ecológica. (ALIER, 2005, p. 38)

Sobre isso, Gadotti (2005), afirma que não se trata apenas de limpar os rios, despoluir o ar, reflorestar os campos devastados para assegurarmos um futuro melhor. Há que se resolver os problemas sociais simultaneamente aos problemas ambientais, pois “os problemas de que trata a ecologia não afetam apenas o meio ambiente. Afetam o ser mais complexo da natureza que é o ser humano”.

Conforme Macedo (2000), através da percepção ambiental atribuímos valores diferenciados ao meio ambiente. E essa percepção influencia inevitavelmente o comportamento humano.

As políticas públicas, ao ignorar ou não querer reconhecer essas dimensões todas estão fadadas ao fracasso, pois como já foi dito, é no lugar que as resistências vão aparecer.

Quando o poder público não considera essa escala de análise, subtrai-lhe a essência. É nesse sentido que o lugar aparece como elemento privilegiado em nosso estudo, pois é nele que ocorrem as experiências cotidianas, onde se dá a interação Homem-ambiente.

2.2 A percepção socioambiental e as políticas públicas

A realidade socioambiental brasileira e na maioria dos países da América Latina abrange as populações envolvidas em situações de injustiça socioambiental como populações indígenas, populações litorâneas e ribeirinhas (pescadores e caiçaras), populações urbanas marginalizadas, trabalhadores e populações rurais, trabalhadores extrativistas, entre outros.

A crise ambiental tem origem na mesma racionalidade que empurra milhões de pessoas em todo o mundo, para áreas desprovidas de infra-estrutura que proporcionem condições mínimas de conforto socioambiental. Essa racionalidade econômica não permite a produção de um espaço que contemple os interesses coletivos para a construção da cidadania e de condições ecológicas de sobrevivência. Nesse contexto, encontra-se a comunidade da Vila Torres.

As decisões políticas nesse campo atendem de fato as percepções e interesses desses setores da sociedade? No caso da Vila Torres, o lixo, por exemplo, é um elemento que apesar, de causar desconforto, também é fonte de renda para a maioria das famílias. Como desenvolver ações junto à comunidade que considerem essa contradição?

Quando se trata de políticas públicas, cabe ressaltar que quando as ações do Estado, nos três níveis político-administrativos e espaciais (federal, estadual e municipal) partem da voz das populações, têm-se resultados e adesão dos atores sociais envolvidos.

Nesse sentido, faz-se necessário algumas reflexões sobre o que vem a ser, de fato, políticas públicas.

Para iniciar essa discussão, é interessante resgatar algumas definições de Frey (2000), que considera basicamente três aspectos da política: a institucional (“*polity*”), referente à estrutura do sistema político; a processual (“*politics*”), ligada aos processos políticos; e a material (“*policy*”), que trata dos conteúdos concretos, problemas técnicos e decisões políticas. Neste estudo, nos referimos a este último, quando tratamos de políticas públicas.

Na definição de Teixeira (2002), políticas públicas são as diretrizes e princípios que orientam a ação do poder público, estabelecendo regras, métodos e procedimentos para o gerenciamento das relações entre o poder público e a sociedade, isto é, mediando o contato entre atores da sociedade e do Estado. O que equivale a dizer que as políticas públicas são, nesse caso, meios de gerenciamento explicitados em documentos formais, tais como leis, programas e linhas de financiamentos norteadores de ações que geralmente implicam o emprego de recursos públicos.

No entanto, podemos verificar incompatibilidade entre as políticas formalmente defendidas e a prática das ações efetivamente desenvolvidas. Nesse contexto, há que se considerarem as “não-ações” (ou omissões) do poder público, que também representam opções do gestor frente às demandas da sociedade.

As políticas públicas se conduzem por meio de um processo de elaboração, implantação e, sobretudo, se refletem em resultados que expressam formas de exercício do poder político, incluindo a distribuição e redistribuição de poder, a importância do conflito social nos processos de decisão, a divisão dos custos de sua implementação e os benefícios sociais que podem advir de sua adoção.

Conforme enfatiza Teixeira, dada a variedade de atores envolvidos na relação social que configura o poder, implicando a defesa de projetos e interesses diferenciados e por vezes até contraditórios, faz-se necessário adotar como prática a mediação social e institucional, com o fim de obter um mínimo de consenso e possibilitar a aplicação das políticas públicas com legitimidade e eficácia.

A elaboração de uma política pública objetiva definir *quem* decide o *quê*, *quando*, com quais *consequências* e *para quem*. Nesse sentido, é importante a distinção entre “Políticas Públicas” e “Políticas Governamentais”. Nem sempre “políticas governamentais” são públicas, apesar da mesma natureza estatal. Para ser definida como “política pública” é preciso considerar a quem se destinam os

resultados ou benefícios de sua implantação e observar a submissão de seu processo de elaboração ao debate público.

A utilização de recursos públicos nas políticas públicas pode se dar diretamente ou através de renúncia fiscal (isenções), podendo ainda as políticas públicas reger as relações que envolvem interesses públicos.

Tais políticas se concretizam num campo de extrema contradição, onde é possível verificar que se interceptam interesses e visões conflitantes de mundo e onde se torna difícil a delimitação entre público e privado.

Tantos conflitos de interesses trazem a necessidade do debate público, da transparência na definição dos objetivos, conferindo legitimidade e publicidade à sua elaboração e discussão ao levá-la para espaços públicos em vez de sufocá-la e limitá-la aos gabinetes governamentais.

As políticas públicas são inseridas em um processo dinâmico, que envolve mobilização, pressões e coalizões de interesses.

Encontramos também na sociedade civil uma diversidade de concepções e de interesses que devem ser discutidos, confrontados e, negociados, em busca de um consenso mínimo. Apesar das iniciativas de articulação em alguns setores específicos, a fragmentação das organizações dificulta o alcance dessa aspiração de consenso.

Alguns elementos relevantes para o conteúdo e para o processo de elaboração das políticas públicas já estão bem definidos, tais como: sustentabilidade, democratização, eficácia, transparência, participação, qualidade de vida. No entanto, é primordial converter esses elementos em parâmetros objetivos, capazes de direcionar a elaboração, implementação e avaliação das políticas apresentadas.

É possível lograr conquistas sociais importantes por meio da mobilização social, da ação coletiva, principalmente quando tais atitudes se revestem de um conteúdo de proposição, de debate público de alternativas de interesse público e não de crítica pura e simples. Para isso, é importante a legitimação das propostas por consenso amplo, superando a mera abrangência dos interesses corporativos ou setoriais.

Articulada em suas organizações representativas em espaços públicos, a sociedade civil passa a desempenhar um papel político amplo de construção de alternativas viáveis nas mais diversas áreas em que o braço estatal pode estar

presente, levando-as ao debate público, participando ativamente, inclusive, na sua implantação, execução e gestão.

Atualmente, o país ostenta uma série de experiências desenvolvidas por Organizações não Governamentais e outras organizações de base que podem servir de parâmetro indicativo para a elaboração de propostas e alternativas de políticas públicas.

São muitos os canais institucionais podem servir de ferramenta para esse debate público, desde os Conselhos de Gestão até espaços autônomos já existentes ou capazes de ser criados em áreas específicas. Não podemos nos esquecer também de outros mecanismos, de natureza administrativa, judicial ou parlamentar, inseridos com a promulgação da Constituição de 1988, possibilitando à sociedade civil organizada exercer, junto ao Estado, um papel mais ativo e propositivo, inclusive controlando e avaliando as ações negociadas e efetivamente realizadas.

As políticas públicas devem atender às demandas, principalmente dos setores excluídos e marginalizados da sociedade, por sua condição de maior vulnerabilidade. Essas demandas interpretadas pelos detentores dos cargos públicos relevantes, nem sempre correspondem às necessidades reais e aos reclamos da população, justificando a importância dos estudos de percepção como norteadores de políticas públicas eficazes.

Falta aos moradores da Vila Torres políticas públicas que tragam o respeito e a dignidade que lhes é de direito, bem como o saneamento de seu espaço de vivência, a capacitação produtiva, a geração de trabalho e renda, além de cultura e lazer, afinal esta população também contribui com os impostos da cidade.

3 METODOLOGIA

A formação teórica do pesquisador, relacionada também às experiências vividas historicamente por ele, influencia na construção do objeto de pesquisa, então, a observação é sempre carregada de teoria. Nesse sentido, Santos (2002), ressalta que “[...] falar em objeto sem falar em método pode ser apenas o anúncio de um problema, sem, todavia, enunciá-lo”.

O método é uma maneira de obter os resultados, utilizando-se de uma teoria para fundamentar. Assim, para dar consistência a investigação, buscamos na literatura o embasamento teórico da Geografia Humanística, tendo como aporte a subjetividade derivada dos enfoques fenomenológicos.

A metodologia utilizada nesta pesquisa buscou identificar numa determinada comunidade, alguns sinais do que esses cidadãos absorvem do lugar e também do que projetam sobre ele, e que determinam como ele é percebido.

Nessa discussão, é importante ainda enfatizar que o percurso metodológico pelo qual passa a construção do objeto de pesquisa, envolve a contextualização espacial dos fenômenos e situações, num primeiro momento, restritamente localizados, porém estabelecidos em função de ações praticadas no local e fora dele.

Por isso, a comunidade da Vila Torres foi observada e considerada dentro de um contexto maior, de um processo perverso de exclusão social, que mobiliza grandes contingentes populacionais em busca de melhores condições nas grandes cidades.

Santos (1985) argumenta que

o espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida. Todavia, considerá-lo assim é uma regra de método cuja prática exige que se encontre, paralelamente, através da análise, a possibilidade de dividi-lo em partes. Ora, a análise é uma forma de fragmentação do todo que permite, ao seu término, a reconstituição desse todo. Quanto ao espaço, sua divisão em partes deve poder ser operada segundo uma variedade de critérios. (Santos 1985, p. 05)

Portanto, ainda que tomemos o lugar como partida para a análise da percepção, é importante ressaltar que os conflitos socioambientais urbanos, estão situados no contexto mais amplo de produção da cidade. O lugar aparece aí

enquanto fragmento urbano onde os conflitos se particularizam, porém situados na dinâmica dos processos de urbanização.

Diante disso, o estudo baseou-se, sobretudo, na metodologia qualitativa, porém, sem descartar a importância dos dados quantitativos.

Silva (2000) afirma que “estudo de caso envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento”.

As pesquisas qualitativas segundo Minayo (1996),

[...] trabalham com: significados, motivações, valores e crenças e estes não podem ser simplesmente reduzidos às questões quantitativas, pois que, respondem a noções muito particulares. Entretanto, os dados quantitativos e os qualitativos acabam se complementando dentro de uma pesquisa. (Minayo 1996, p. 12)

O enfoque qualitativo pressupõe um olhar investigativo, que nesta pesquisa, se fez através da realização de entrevistas e mapas mentais, da análise das histórias de vida, da observação criteriosa do espaço da comunidade e da análise das falas espontâneas de seus moradores. Além da busca, é claro, pelo embasamento teórico para discussão.

Assim o trabalho de campo foi realizado de forma lenta e gradual entre os meses de abril e julho de 2011.

Para entrar na Vila Torres foi necessário o acompanhamento de um morador que pudesse mediar nossos contatos com a Comunidade. Contamos com a ajuda fundamental de uma pessoa que vive na Vila Torres há 15 anos, a qual percorreu várias ruas da área com muita disposição, nos apresentando líderes comunitários, moradores comuns e a (falta de) infraestrutura do local.

Para apreender a percepção socioambiental dos moradores, averiguar quais são seus valores e necessidades reais, foi necessário estabelecer laços de confiança, o que exigiu várias visitas à Vila.

As sensações experimentadas pela pesquisadora, nesses momentos, confundiram-se entre o medo da violência, a expectativa da investigação e a satisfação pelas respostas obtidas em campo. Olhares desconfiados pareciam questionar “o que ela está fazendo aqui?” ou “ela não é daqui” ou ainda, “de novo esses estudantes!”.

Ao finalizar a pesquisa, meses após seu início, a primeira sensação foi de que passamos alguns meses num “universo paralelo”, uma realidade não distante, mas diferente da nossa realidade. Daí a importância, do trabalho de campo, do contato com o objeto de pesquisa.

Jamais poderíamos falar das subjetividades dessas pessoas sem o contato com elas. Do mesmo modo, jamais o poder público poderá elaborar suas políticas públicas sem fazer uma imersão no contexto micro onde pretende atuar.

Passamos a seguir para uma breve descrição dos métodos utilizados na pesquisa desde o início:

3.1 Procedimentos Metodológicos

3.1.1 Pesquisa Bibliográfica e Documental

Iniciamos a pesquisa com uma pesquisa bibliográfica acerca da temática em questão. Realizamos um apanhado sobre trabalhos científicos já realizados sobre o tema, resgatamos então Yi-Fu Tuan, *Topofilia* (1980), Eduardo Yázigüi, *A Alma do Lugar* (2001), além das várias obras de Milton Santos que trazem discussões interessantes sobre espaço e lugar, como *O espaço do cidadão* (1993), *Metamorfoses do Espaço Habitado* (1996) e *A Natureza do Espaço* (2002), entre outras. Além dessas, outras importantes obras permearam o trabalho como “*O Ecologismo dos Pobres*” de Joan Martinez Alier.

Também buscamos trabalhos acadêmicos, como monografias, dissertações de mestrado, tese de doutorado e publicações avulsas sobre o assunto.

Jornais, revistas e internet nos auxiliaram bastante na busca de dados. Os quais foram confrontados com os documentos sobre a Vila Torres arquivados no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba e na Cohab-PR que forneceram informações históricas e dados socioeconômicos da comunidade. Nessa “garimpagem” descobrimos o livro “*Como ela é – a Vila Torres contada por seus moradores*” de Adriane Cristina Lazaroto, obra que reúne depoimentos dos moradores da Vila e que teve grande valor para o nosso estudo.

3.1.2 Observação em campo:

Através da observação conseguimos informações importantes sobre a realidade pesquisada. Ela auxilia o pesquisador a

identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento (LAKATOS, 1996, p.79).

A observação também nos obriga a ter um contato mais direto com a realidade. No caso da Vila Torres, a presença da moradora que mediou nossos contatos com algumas pessoas, nos possibilitou adentrar nos meandros da comunidade. Andamos pelas ruas, visitamos espaços importantes de mobilização social na Vila (Foto 14 A/B), como o Centro de Formação Santos Dias, onde professores de Ensino Médio e Superior da cidade, voluntariamente oferecem cursos preparatórios para jovens que se preparam para o vestibular.

Foto 14 (A e B) – Centro de Formação Santos Dias – Vila Torres



Fotos A e B: Elenir A. Santos

Entramos em residências, conversamos com os moradores ao mesmo tempo em que realizávamos observações do espaço, da situação e do comportamento dos cidadãos. Enquanto isso, nossa mediadora narrava sobre as territorializações dentro da Vila.

Essa inserção foi fundamental para captar algumas especificidades do lugar, atentando para o cotidiano das famílias (Foto 15).

Foto 15 – Vila Torres – contato com moradores



Foto: Luzia Martins

Boni e Quaresma (2005) dizem que esta técnica é denominada observação assistemática, onde o pesquisador procura recolher e registrar os fatos da realidade sem a utilização de meios técnicos especiais, ou seja, sem planejamento ou controle. Geralmente este tipo de observação é empregado em estudos exploratórios sobre o campo a ser pesquisado.

A máquina fotográfica e o diário de campo nos acompanharam nesta exploração. Foi nele que anotamos nossas “percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidas por meio de outras técnicas”. (MINAYO, 2002, p. 63).

3.1.3 Entrevistas semi-estruturadas:

As entrevistas semi-estruturadas compreendem perguntas abertas e fechadas, através das quais o entrevistado tem a possibilidade de falar sobre o tema proposto.

As questões fechadas, de modo geral, nos oferecem os dados quantitativos, pois apresentam um grupo de alternativas limitando a resposta do entrevistado.

Para uma investigação mais profunda das subjetividades, as questões abertas vão nos remeter aos dados qualitativos; sendo estas imprescindíveis aos estudos de percepção.

Portanto, estes tipos de entrevistas contribuem significativamente na apreensão dos aspectos afetivos, atitudinais e comportamentais dos entrevistados, suas respostas espontâneas podem fazer surgir questões inesperadas que, por vezes, ficam encapsuladas dentro do indivíduo.

Para a realização das entrevistas na Vila Torres, optamos por reunir o maior número possível de pessoas no mesmo espaço. A pessoa que nos acompanhou desde o início da pesquisa e que fez a mediação para nossa inserção na comunidade nos ofereceu sua casa para acomodar os entrevistados, os quais foram convidados aleatoriamente por ela mesma. Assim, numa manhã de domingo, oferecemos um “café especial” para recepcionar os convidados. Entre as chegadas e saídas de pessoas no local, conseguimos entrevistar efetivamente 14 pessoas.

Por trata-se de um estudo, sobretudo, qualitativo; não houve necessidade de um grande número de entrevistados.

Nossa preocupação inicial foi conduzir cada pessoa a um “cantinho” mais reservado para evitar um “contágio” nas respostas.

Posteriormente, saímos às ruas da comunidade com o objetivo de conseguir mais algumas entrevistas.

Deste modo, concluímos esta etapa da pesquisa com um total de 16 entrevistas, através de um questionário semi-estruturado com 23 questões (APÊNDICE).

Vale ressaltar que o número reduzido de entrevistas tem caráter ilustrativo.

As questões foram elaboradas em três níveis de informação, organizadas da seguinte maneira:

I-Perfil do entrevistado: idade, ocupação, escolaridade, etc.

II-Percepção socioambiental: questões que revelam a percepção do entrevistado com relação ao ambiente (próximo e distante).

III-Políticas públicas: questões que nos ajudam a identificar a opinião do entrevistado com relação às ações e políticas públicas locais, com ênfase nas ambientais.

Durante a entrevista surgiram discursos extraordinários, alguns reproduzidos a seguir:

Isso aqui não é mais favela, eu pago os impostos e tenho escritura. Isso é um bairro nobre, está bem perto do centro, deveriam dar mais atenção para a Vila (L., 46 anos, auxiliar de serviços gerias).

Os donos dos depósitos pagam uma miséria para eles, dá até dó [...] muito boas suas perguntas, minha filha. Desculpe qualquer coisa, é que às vezes, me revolto (R., 62 anos, ajudante de pedreiro).

Bourdieu (1999) cita que

os pesquisados mais carentes geralmente aproveitam essa situação para se fazer ouvir, levar para os outros sua experiência e muitas vezes é até uma ocasião para eles se explicarem, isto é, construírem seu próprio ponto de vista sobre eles mesmos e sobre o mundo. Por vezes esses discursos são densos, intensos e dolorosos e dão um certo alívio ao pesquisado. Alívio por falar e ao mesmo tempo refletir sobre um assunto que talvez os reprimam. Neste caso pode-se até dizer que seja uma auto-análise provocada e acompanhada. (BOURDIEU, 1999 citado por BONI e QUARESMA, 2005)

Em determinados momentos, prosseguir com a entrevista representou um esforço muito grande devido à hostilidade de alguns moradores, fato compreensível se considerarmos que essas pessoas são alvos frequentes do sensacionalismo da imprensa local, estigmatizados como perigosos. Reproduzimos uma dessas falas:

De que jornal você é? o que você quer saber? Todo mundo já sabe da gente! [...] claro que você é jornalista, não vou tirar foto não! Amanhã sai minha cara estampada na Gazeta! (V. 43 anos, carrinheiro).

Tornar público suas vidas, sua história, seus anseios; sem a certeza sobre a forma como essas informações poderiam ser usadas fez com que muitos procurassem se esquivar de alguns assuntos.

Estamos conscientes de que nenhuma metodologia poderá ser tão abrangente e ampla a ponto de apreender e traduzir toda a realidade. Mesmo considerando as limitações mencionadas acima, consideramos que um conjunto significativo de informações pôde ser captado através das entrevistas.

3.1.4 Mapas mentais:

Utilizamos também a estratégia dos mapas mentais para auxiliar na compreensão das percepções do mundo vivido de cada indivíduo.

Conforme Cosgrove (1998) citado por Seemann (2003),

o mapa no seu sentido mais amplo, exerce a função de tornar visíveis os pensamentos, atitudes, sentimentos, tanto sobre a realidade percebida, quanto sobre o mundo da imaginação. São chamados de mapas mentais, por realizar representações espaciais, oriundas da mente humana, que precisam ser lidas como mapeamentos (= processos) e não como meros produtos estáticos (Cosgrove, p.02-03 1998, in Seemann, 2003).

Dentro da proposta deste trabalho, buscamos Kozel e Teixeira (1999) para dizer que os mapas mentais estão relacionados às características do mundo real, ou seja, não são construções imaginárias, de lugares imaginários, mas são construídos por sujeitos históricos reais, reproduzindo lugares reais, vividos, produzidos e construídos materialmente.

Assim, logo após as entrevistas, distribuimos a um pequeno grupo de moradores da comunidade, uma folha de papel tamanho A4, lápis preto e lápis de cor; solicitamos que dividissem a folha ao meio e representassem, de um lado, *a Vila Torres como ela é*. Caso percebessem necessidades de mudanças no seu espaço de vivência poderiam desenhar, na outra parte, *a Vila como gostariam que ela fosse*.

Apenas cinco mapas foram devolvidos, algumas pessoas ficaram com receio de julgamento com relação ao aspecto estético do desenho.

Conforme Guerreiro (2005) o uso da técnica de mapa mental procura abstrair a percepção do usuário acerca do local de estudo, ou seja, a forma como este qualifica, valoriza e se representa no espaço.

Iniciamos a interpretação fazendo algumas leituras que pudessem reunir as semelhanças dos desenhos e estabelecer parâmetros para análise. Deste modo, procuramos identificar nas representações das percepções dos moradores sobre o espaço onde vivem elementos relacionados ao meio ambiente; infraestrutura urbana, educação, segurança/violência.

3.1.5 Histórias de Vida:

A História de Vida (HV) tem como principal característica permitir que o indivíduo faça um resgate de sua vivência de maneira retrospectiva.

Segundo Minayo (1993), existem dois tipos de HV: a completa, que retrata todo o conjunto da experiência vivida e a tópica, que focaliza uma etapa ou um determinado setor da experiência em questão.

Boni e Quaresma (2005) afirmam que muitas vezes durante a entrevista acontece a liberação de pensamentos reprimidos que chegam ao entrevistador em tom de confiança. Esses relatos fornecem um material extremamente rico para análise.

Conseguimos obter duas Histórias de Vida na Vila Torres. Contudo, uma delas foi descartada, pois não contemplou os objetivos da pesquisa. Isso porque percebemos que a presença do gravador motivou o entrevistado a tentar relatar o que ele achou que o pesquisador queria ouvir, como se estivesse incorporando um personagem.

Nesse sentido, Boni e Quaresma (2005), salientam que durante o processo de relato por parte do entrevistado, o pesquisador terá que ler nas entrelinhas, ou seja, ele tem que ser capaz de reconhecer as estruturas invisíveis que organizam o discurso do entrevistado. Dessa forma, durante a entrevista o pesquisador precisa estar alerta pois o pesquisado pode tentar impor sua definição de situação de forma consciente ou inconsciente. Ele também poderá tentar passar uma imagem diferente dele mesmo.

A História de Vida que transcrevemos nesse trabalho foi realizada com um comerciante da comunidade e ao seu pedido, deixamos o gravador desligado. Anotamos seu relato no diário de campo, abreviando palavras e utilizando códigos acompanhar o ritmo da fala. O fato de falar com o gravador desligado deixou o morador muito à vontade. Sentiu-se seguro para confidenciar determinados assuntos relacionados à sua vida.

Ao reescrever o relato de forma mais compreensível, nossa preocupação foi manter a fidelidade a fala, pausas e emoções do entrevistado.

Conforme Bourdieu (1999), uma transcrição de entrevista não é só aquele ato mecânico de passar para o papel o discurso gravado do informante, pois, de

alguma forma o pesquisador tem que apresentar os silêncios, os gestos, os risos, a entonação de voz do informante durante a entrevista.

Esses “sentimentos” que não passam pela fita do gravador são muito importantes na hora da análise, eles mostram muita coisa do informante. O pesquisador tem o dever de ser fiel, ter fidelidade quando transcrever tudo o que o pesquisado falou e sentiu durante a entrevista.

3.1.6 Falas espontâneas dos moradores

Muitas vezes ficamos tão “engessados” em nossos métodos que nos escapam momentos ricos que poderiam ser aproveitados para análise do objeto da pesquisa. As falas espontâneas são carregadas de desabafos e anseios para as quais o pesquisador deve estar atento. Para isso, a percepção e a sensibilidade do pesquisador são imprescindíveis; tudo deve ser registrado no diário de campo.

Iniciamos a pesquisa, conversando com algumas pessoas que exercem liderança na comunidade. Logo percebemos que não bastaria conversar com líderes comunitários apenas, devido ao viés de suas discussões. Existia algo encapsulado no morador comum, que deveria ser ouvido e considerado nesta pesquisa a fim de captar a percepção do cidadão, morador da Vila Torres, que não é líder de nada, apenas sente, vive, produz e reproduz seu espaço.

A observação criteriosa do espaço de vivência dos moradores, assim como a valorização das falas espontâneas foi de extrema importância para o desenvolvimento da pesquisa.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

4.1 Entrevistas Semi-estruturadas

As respostas foram tabuladas utilizando-se o software Microsoft Excel e Word, a reprodução dos dados ocorreu em forma de figuras (gráficos estatísticos), quadros e tabelas.

I - Perfil dos entrevistados

Dos 16 entrevistados, 44% são do sexo masculino e 56% do sexo feminino (Figura 1), e o intervalo de idade de maiores percentuais apresentado ocorreu para 36 a 46 anos, com 57%, seguido do intervalo dos 14 aos 24 anos, com 25% (Figura 2).

Foram observados poucos idosos na comunidade. As entrevistas foram realizadas num domingo para que pudéssemos ter acesso às pessoas de várias faixas etárias e também com maior disponibilidade de tempo para responder as perguntas.

Figura 1 - Gênero dos entrevistados

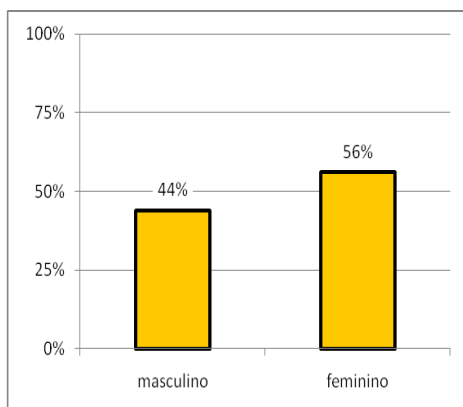
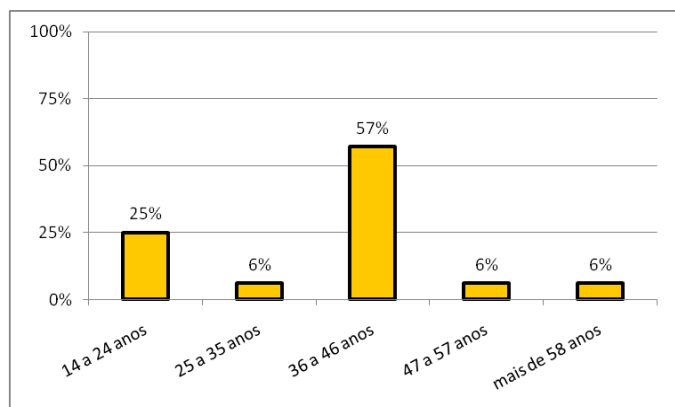
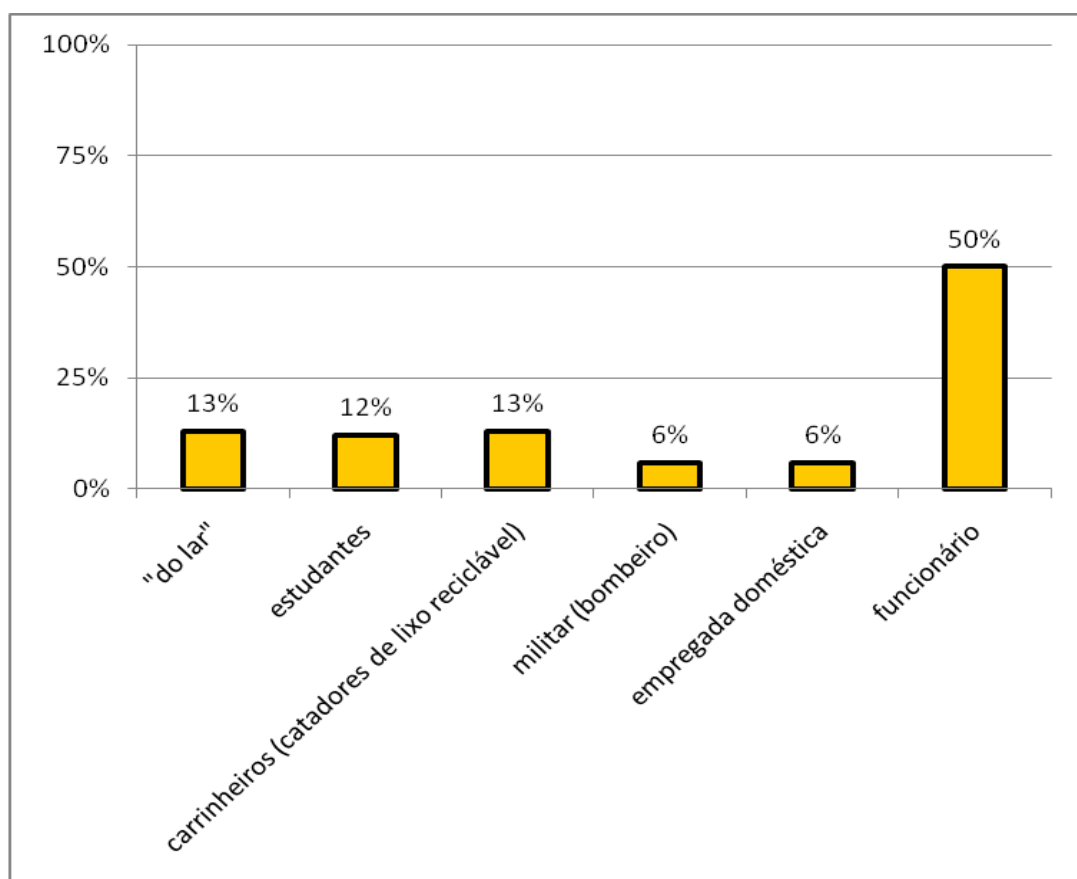


Figura 2 - Intervalos de idades dos entrevistados



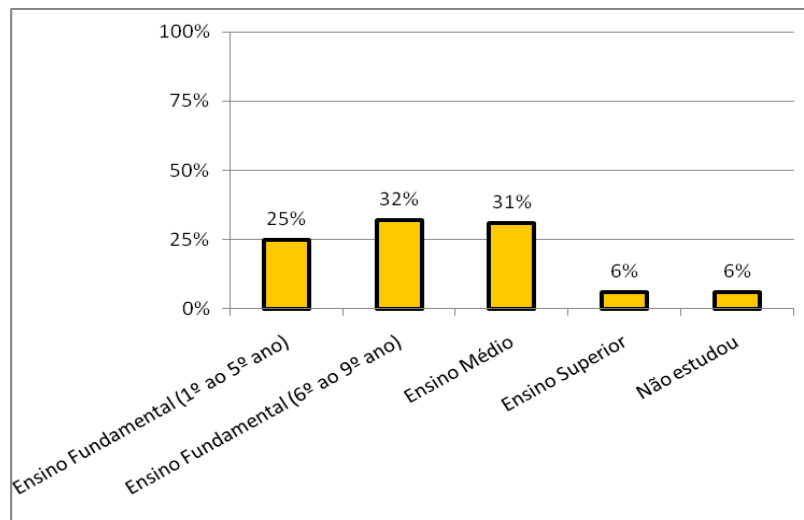
Na ocupação dos entrevistados (Figura 3), criamos a categoria “funcionário” para designar todos aqueles que trabalham com carteira assinada ou contrato temporário de trabalho. Nesta categoria apareceram: motorista particular, analista financeiro, segurança, auxiliar de serviços gerais, inspetor de qualidade, recepcionista, zeladora e ajudante de pedreiro. Por abranger um leque variado de ocupações, essa categoria compreendeu 50% dos entrevistados. Não foi incluída aí a “empregada doméstica”, porque relatou que não há registro em carteira. Os carrinheiros representaram 13%, nesse grupo, percebemos algumas resistências para responder as questões do questionário, por motivos que vão desde o cansaço depois de uma dura semana de trabalho até a desmotivação para falar de si mesmo.

Figura 3 - Ocupação dos entrevistados



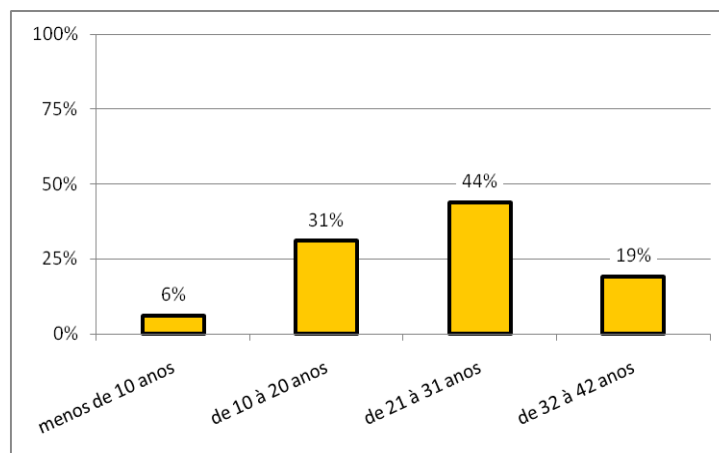
A Figura 4 representa o perfil segundo a escolaridade. Os maiores percentuais de entrevistados encontram-se na faixa do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e Ensino Médio. Isso revela que o grande número de crianças e jovens da Vila está freqüentando a escola. O percentual de pessoas que não estudaram é exatamente igual ao de pessoas com ensino superior, compreendendo 6% cada um.

Figura 4 - Escolaridade dos entrevistados



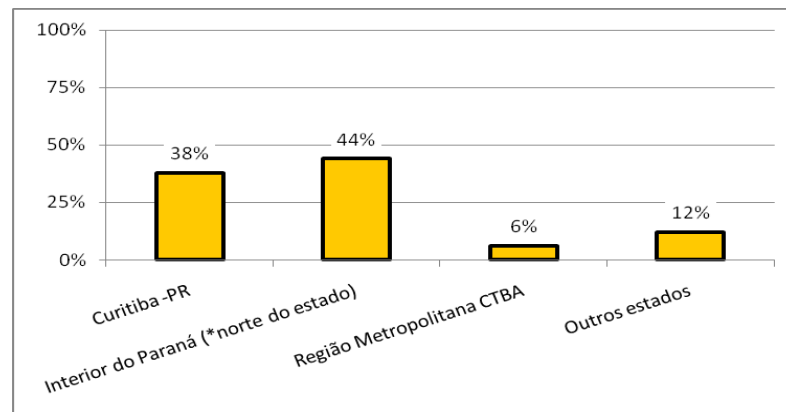
O tempo de residência na comunidade de 44% dos entrevistados está entre 21 e 31 anos, conforme verificado na Figura 5. Outros 31% possuem de 10 a 20 anos de residência na Vila. Isso explica, em parte, os depoimentos com grande carga de afetividade ao lugar. Muitos deles chegaram ali ainda adolescentes, lembrando que 57% têm entre 36 e 46 anos de idade.

Figura 5 - Tempo de residência dos entrevistados



A maioria (44%) dos entrevistados vieram do interior do estado do Paraná, sobretudo do Norte (Figura 6). O resgate histórico de formação da Vila Torres, explorado nesta pesquisa, confirma este dado. Contudo, não é pouco o número de pessoas que são de Curitiba mesmo, incluindo aqueles que nasceram na comunidade, isso deve-se também ao número significativo de jovens que participaram da entrevista (25% dos entrevistados tem entre 14 e 24 anos de idade).

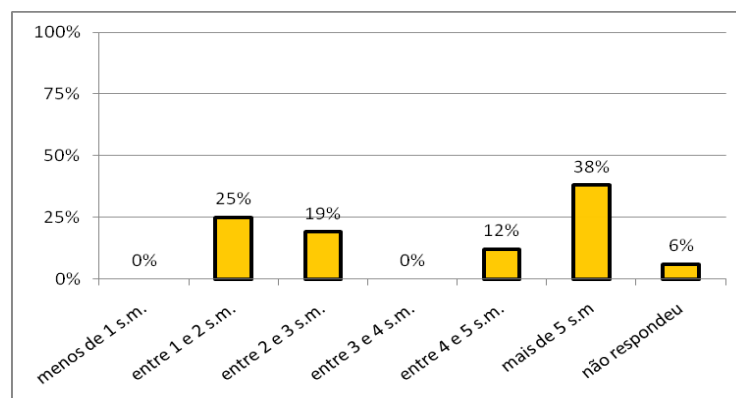
Figura 6 - Local de origem



A última questão referente ao perfil dos entrevistados trata da renda mensal familiar. Essa pergunta gerou dúvida em relação à veracidade das respostas. Sabemos dos constrangimentos que as pessoas sentem para falar de questões relacionadas aos seus salários. Contudo, esse risco é calculado nessa metodologia.

Assim, temos 38% dos entrevistados com renda mensal familiar superior a 5 salários mínimos (s.m), 25% com renda mensal familiar entre 1 e 2 salários mínimos, 6% não quiseram responder (Figura 7).

Figura 7 - Renda mensal familiar dos entrevistados



II - Percepção socioambiental

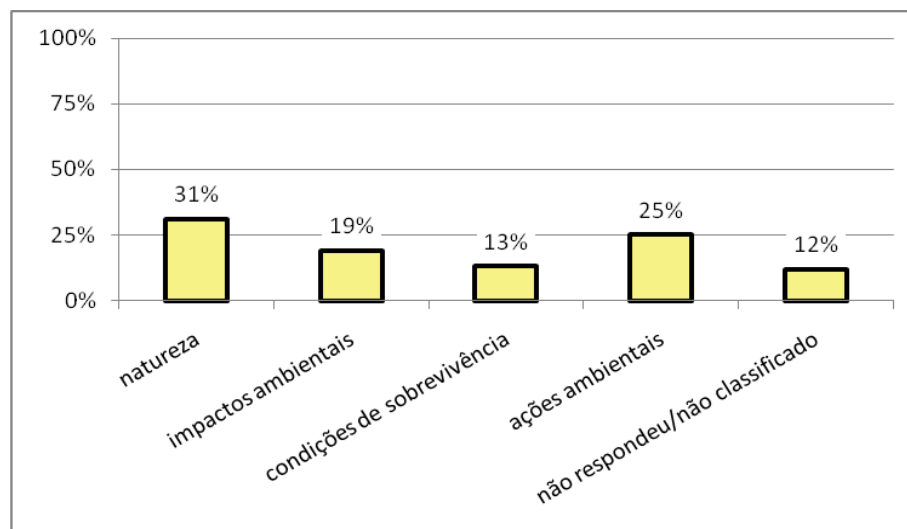
Para apreender o entendimento que os moradores têm do ambiente onde vivem, fizemos uma pergunta inicial a fim de identificar o que o meio ambiente representa para o morador: *“Qual a primeira palavra que vem à sua cabeça quando o assunto é meio ambiente?”*

As respostas foram agrupadas em categorias (Quadro 1) para a reprodução dos dados dispostos na Figura 8.

QUADRO 1 - *“Qual a primeira palavra que vem à sua cabeça quando o assunto é meio ambiente?”* – respostas agrupadas por categorias.

CATEGORIA	RESPOSTAS DOS MORADORES
NATUREZA	natureza, jardim e biodiversidade.
IMPACTOS AMBIENTAIS	agressão e lixo.
CONDIÇÕES DE SOBREVIVÊNCIA	futuro e condições de sobrevivência.
AÇÕES AMBIENTAIS	reciclagem, preservação, cuidado e conservação.

Figura 8 - Percentual das respostas dos entrevistados por categoria *“Qual a primeira palavra que vem à sua cabeça quando o assunto é meio ambiente?”*



O maior percentual de respostas (31%) insere-se na categoria “natureza”, portanto um número significativo de entrevistados ainda não considera o espaço de vivência quando o assunto é meio ambiente.

Interessante que 25% das respostas relacionam o meio ambiente às ações ambientais como reciclagem, por exemplo; isso deve-se ao fato de uma parcela importante de moradores da comunidade trabalharem com coleta e reciclagem de lixo.

O lixo também foi citado por alguns moradores e está incluído na categoria “impactos ambientais”, ao mesmo tempo em que compreendem a importância do trabalho de coleta e reciclagem feito na comunidade, consideram que o acúmulo desses materiais representam impactos ao ambiente.

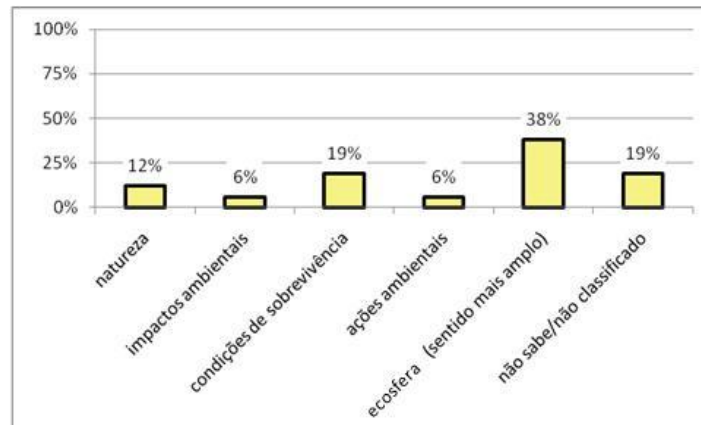
Posteriormente perguntamos “*O que você entende por meio ambiente*”, para identificar qual é a visão do morador sobre o assunto. Também houve a intenção de confrontar com as respostas da questão anterior e observar se o entendimento sobre meio ambiente está em consonância com aquilo que o entrevistado havia citado como primeira palavra que vem à cabeça quando o assunto é meio ambiente.

As respostas aqui também foram agrupadas em categorias (Quadro 2) para a reprodução dos dados dispostos na Figura 9.

QUADRO 2 - “*O que você entende por meio ambiente*” – respostas agrupadas por categorias.

CATEGORIA	PALAVRAS-CHAVE E EXPRESSÕES DAS RESPOSTAS DOS MORADORES
NATUREZA	Fauna, flora, mato, capoeira
IMPACTOS AMBIENTAIS	Degradação
CONDIÇÕES DE SOBREVIVÊNCIA	Sensação boa, bem estar, área verde sem poluição
AÇÕES AMBIENTAIS	Reciclagem,
ECOSFERA	Onde vivemos, meio em geral, associação de tudo, planeta Terra, lugar onde convivemos, é todo mundo

Figura 9 - Definição de meio ambiente pelos entrevistados, representada em categorias



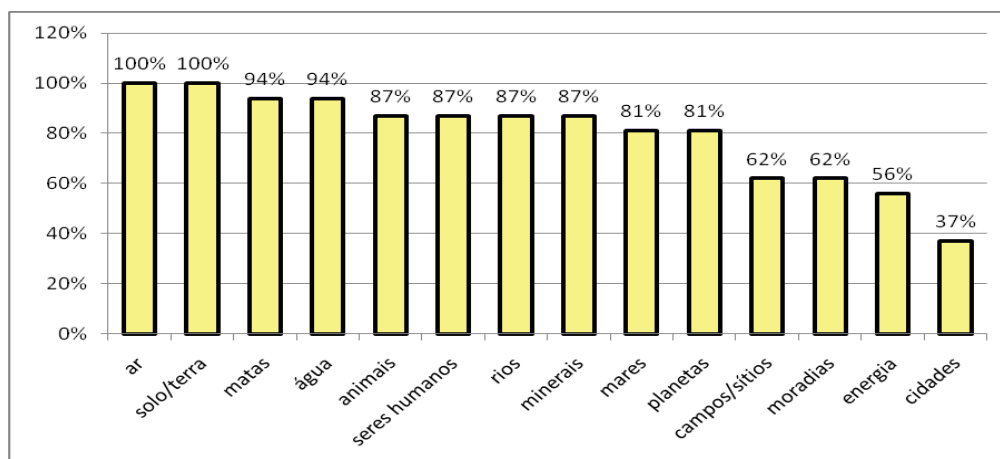
Observa-se que não foi mantido o perfil das respostas da questão anterior. Aparece aqui uma definição de meio ambiente em sentido mais amplo (Ecosfera, 38%), enquanto que na questão anterior a maior porcentagem fica para “natureza” no sentido mais restrito do termo.

Enquanto que palavras relacionadas à impactos ambientais foram bastante presentes na questão anterior, aqui as condições de sobrevivência superam os impactos ambientais.

Verificamos, portanto, que no entendimento sobre o meio ambiente, um número significativo de pessoas consideram também seu lugar de vivência, contradizendo o que o gráfico 8 revelou.

Em seguida perguntamos “*Quais dos elementos a seguir fazem parte do meio ambiente?*”, oferecemos assim, uma lista de elementos para o entrevistado escolher. Os percentuais das respostas são apresentados na Figura 10.

Figura 10- Elementos que fazem parte do meio ambiente, segundo os entrevistados



Essa questão, foi analisada junto com as outras relacionadas ao entendimento de meio ambiente; a fim de confirmá-las ou contradizê-las, indicando com mais clareza, dentro da definição dada pelo entrevistado, o que ele de fato considera ao definir meio ambiente.

Observou-se que a inclusão de elementos naturais (ar, solo, terra, matas e água) como integrantes do meio ambiente compreendem os maiores percentuais. Enquanto que, as cidades apresentam os menores. Neste caso, a percepção está em consonância com o que revelou o Figura 8.

Aquela visão mais ampla de ambiente revelado no Figura 9, desaparece aqui.

Foi então perguntado: *“Você acha importante preservar o meio ambiente? Porquê?”*. Todos eles consideraram importante a preservação ambiental. Houve necessidade de reunir as justificativas em categorias, conforme o Quadro 3.

QUADRO 3 – Justificativa dos moradores sobre a importância da preservação ambiental, respostas agrupadas em categorias

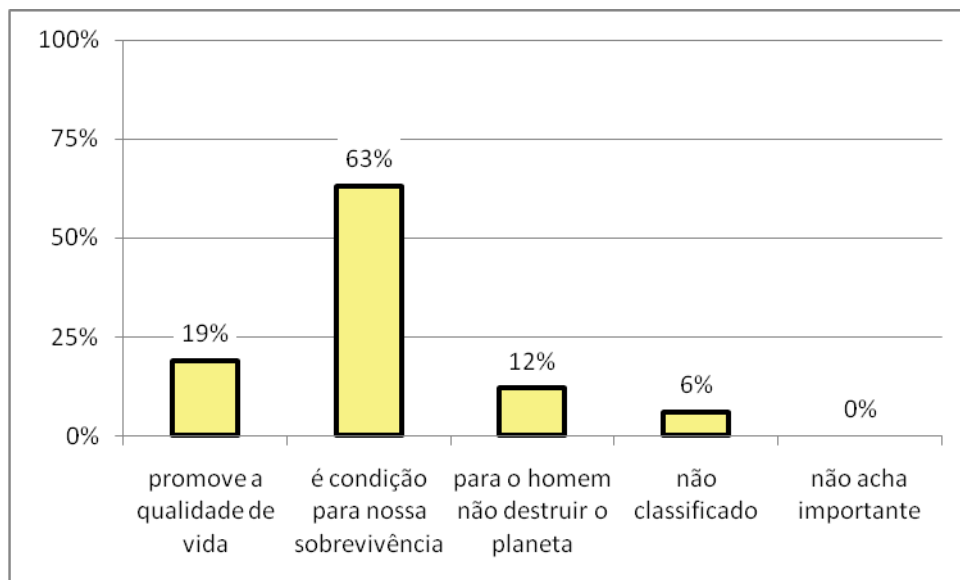
CATEGORIA	RESPOSTAS DOS MORADORES
PROMOVE A QUALIDADE DE VIDA	“se o meio ambiente estiver equilibrado, as pessoas vivem melhor”; “se cuidarmos vamos ter o ar e a água limpos”; “se a gente preservar, estaremos garantindo a qualidade de vida”.
É CONDIÇÃO PARA NOSSA SOBREVIVÊNCIA	“cuidando do meio ambiente teremos futuro”; “se não preservarmos, não haverá condições de sobrevivência”; “porque nós vivemos deles”; “porque é o ar que respiramos”; “se ele for degradado nós também desapareceremos”; “é uma fonte de vida, precisamos de muita coisa da natureza”; “porque serve para nos beneficiar”; “porque faz parte da nossa vida”; “para a nossa saúde”; “para as gerações terem condições de sobrevivência”.
PARA O HOMEM NÃO DESTRUIR O PLANETA	“porque em pouco tempo o Homem acabará com o planeta”; “como vai ficar a nossa flora? o oxigênio que dependemos para viver vai acabar”.

Fica evidente a concepção de que é importante preservar o meio ambiente porque é condição de sobrevivência do Homem (63%). Um pequeno grupo (12%)

ressaltou a exploração desenfreada exercida pelo Homem com relação aos recursos naturais, registrada na categoria “*para o homem não destruir o planeta*”. Um número significativo (19%) relacionou a questão da qualidade de vida com a preservação ambiental (Figura 11).

Não foram classificadas as respostas que fugiram totalmente a pergunta, revelando falta de entendimento sobre o que vem a ser preservação e meio ambiente.

Figura 11- Por que é importante preservar o meio ambiente, segundo os entrevistados.



Posteriormente perguntamos: “*O que você considera como problema ambiental? Quais acontecem aqui na Comunidade?*”.

A intenção em saber quais dos problemas ambientais globais aconteciam também na Comunidade, era identificar se esses problemas só foram considerados porque ocorrem na Vila Torres.

Elaboramos um quadro (Quadro 4) com todas as respostas dos moradores, muitos listaram uma série de problemas; colocamos entre parênteses o número de vezes que o problema foi citado.

QUADRO 4- Lista de problemas ambientais globais e que também ocorrem na Comunidade, segundo os entrevistados.

PROBLEMAS AMBIENTAIS GLOBAIS	QUAIS ACONTECEM NA VILA TORRES?
Dificuldades para separação de lixo reciclável	Dificuldades para separação de lixo reciclável (2)
Falta de coleta de lixo reciclável	Falta de coleta de lixo reciclável (O caminhão do Lixo Que Não É Lixo não passa) (1)
Lixo acumulado	Lixo acumulado (8)
Falta de cuidado com os animais	Falta de cuidado com os animais (muitos cachorros abandonados na ruas e cavalos maltratados) (2)
Excremento de animais nas ruas	Excremento de animais nas ruas (1)
Acúmulo de lixo perigoso	Acúmulo de lixo perigoso (pilhas, baterias) (1)
Poluição de rios e córregos	Poluição do Rio Belém (8)
Saneamento insuficiente	Saneamento insuficiente, esgoto a céu aberto (3)
Pouca área verde	Pouca área verde (2)
Ratos e insetos	Ratos e insetos (2)
Dengue	Dengue (1)
Drogas e violência	Drogas e violência (2)
Crianças na rua	Crianças na rua (1)
Desperdício de água	Desperdício de água (1)
Poluição sonora	Poluição sonora (1)
Falta de escola pública	Falta de escola pública (1)
Poluição atmosférica	Poluição atmosférica (queimada do fio de luz para retirada do cobre, queimada do lixo em geral) (4)
Contaminação do solo	Contaminação do solo (chorume) (2)
-----	Falta de pavimentação nas ruas (1)
Desmatamento (7)	-----
Contaminação das águas e do ar por indústrias (6)	-----
Agrotóxicos nos alimentos	-----
Construção de estradas	-----

Para os problemas ambientais classificados como globais, um grande número de entrevistados apontou a questão do desmatamento e da contaminação das águas e do ar pela atividade industrial. Porém não identificam essa problemática na Comunidade.

Dentre os problemas globais que também estão presentes no seu lugar de vivência, destacaram-se o acúmulo de lixo, a poluição do rio e a poluição do ar.

Nota-se que, de modo geral, a percepção dos problemas ambientais locais são também globais. Portanto, a percepção dos problemas poderá estar atrelada à abrangência destas informações através dos meios de comunicação.

Foi interessante também observar que drogas, violência, falta de escola pública e crianças nas ruas foram citados como problemas, porém nem sempre estavam se referindo à problemas ambientais. Nesse sentido, acreditamos que a questão necessita ser reformulada a fim de facilitar o entendimento do pesquisador quanto à interpretação feita pelo entrevistado.

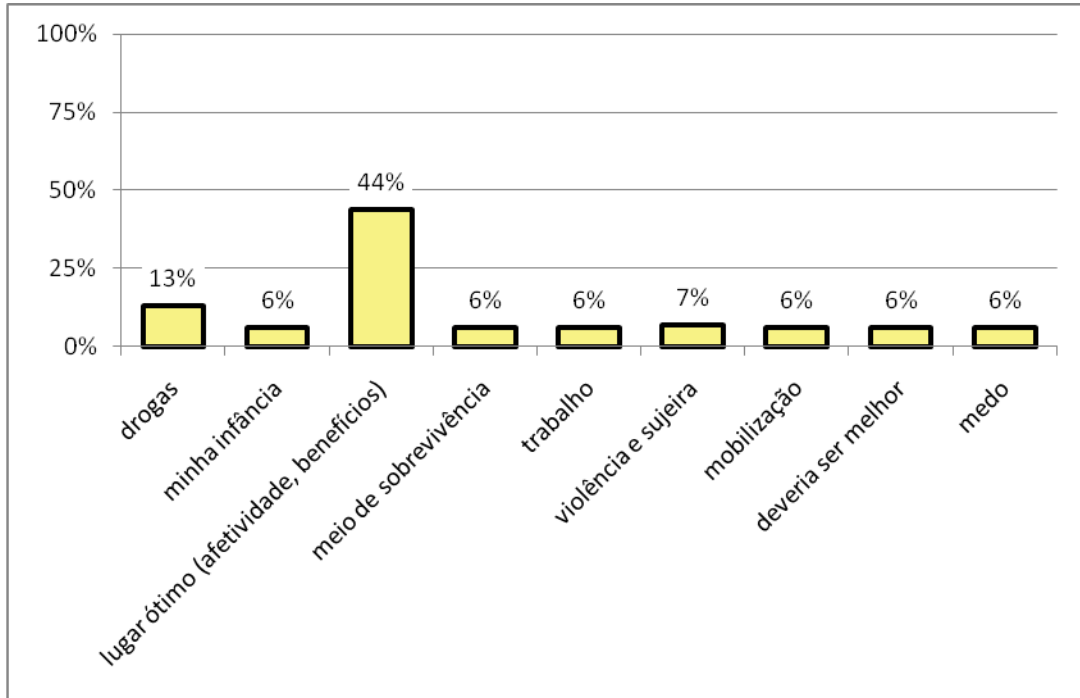
Solicitamos que dissessem uma palavra que traduzisse a Vila Torres para o entrevistado.

Consideramos que essa questão, em especial, foi de grande importância para revelar a percepção do morador sobre o ambiente em que vive.

Agrupamos algumas respostas em categorias, devido à semelhança nas falas dos entrevistados. Assim, respostas como: “amo a Vila Torres”; “é uma vila boa”, “é um lugar ótimo para morar”; “eu gosto daqui”; “lugar que oferece vários benefícios”; foram incluídas em “*lugar ótimo para morar*”.

Criamos a categoria “*mobilização*” para designar expressões como “é uma comunidade que tenta fazer melhorias”. Contudo, essa resposta apareceu num percentual muito baixo de pessoas, apenas 6% (Figura 12).

Figura 12 – Palavra/ expressão que “traduz” a Vila Torres, segundo os entrevistados.



Observamos que o maior percentual de entrevistados (44%) mantém um forte laço afetivo com o lugar de vivência, percebem a Comunidade como um lugar ótimo para morar.

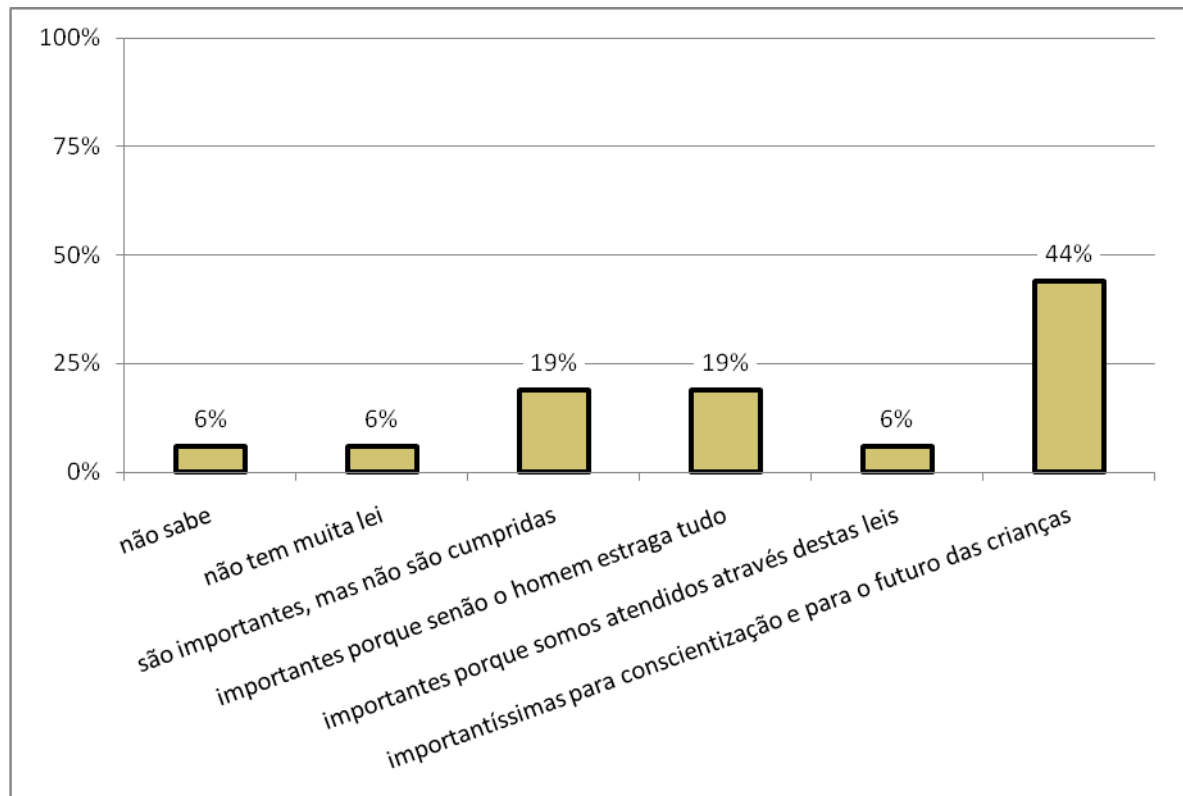
O benefício ao qual o morador se referiu quando revelou gostar do lugar, deve-se à proximidade da Vila Torres com o centro. A comunidade está a 2 km do centro de Curitiba. Além disto, na região existem várias opções de comércio e de ônibus. Esses “benefícios” foram citados inúmeras vezes pelos entrevistados.

A imagem da Vila associada às drogas, medo, violência e sujeira, somadas compreende 26% das respostas. Portanto, é considerável o número de entrevistados que percebem a Comunidade através de seus problemas sociais e ambientais.

III - Políticas Públicas

Foi questionado sobre a importância das leis que protegem o meio ambiente, as respostas semelhantes foram reunidas nas categorias representadas na Figura 13.

Figura 13 - Importância das leis que protegem o meio ambiente, segundo os entrevistados



O número de pessoas que responderam que as leis de proteção ambiental são importantes foi bastante representativo, juntos somam 88% dos entrevistados. A diferenciação se deu nas justificativas da importância dessas leis, merecendo destaque as respostas que associaram a proteção do meio ambiente ao futuro das crianças e à conscientização (44%). Algumas respostas demonstraram falta de conhecimento sobre o assunto o que foi revelado nas respostas incluídas nas categorias “não sabe” e “não tem muita lei”.

Aqueles que desacreditam no cumprimento das leis ambientais, compreendem 19% e aqueles que consideram as leis como um “freio” às ações humanas predatórias, dizendo que se não fosse elas o Homem estragaria tudo, também perfazem 19%.

Um percentual pequeno (6%) considera-se atendido através das leis que protegem o meio ambiente.

Com o objetivo de identificar a situação da Comunidade de acordo com a percepção de seus moradores a respeito das políticas públicas socioambientais promovidas perguntamos: “Você conhece algum Programa/Projeto ambiental que esteja sendo desenvolvido na sua Comunidade? Qual?”. As respostas são apresentadas na Figura 14 e a identificação dos Programas/Projetos na Figura 15.

Figura 14 - Conhecimento de Programa/Projeto pelos entrevistados

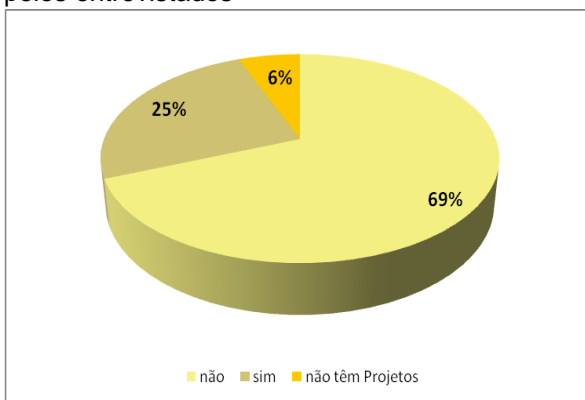
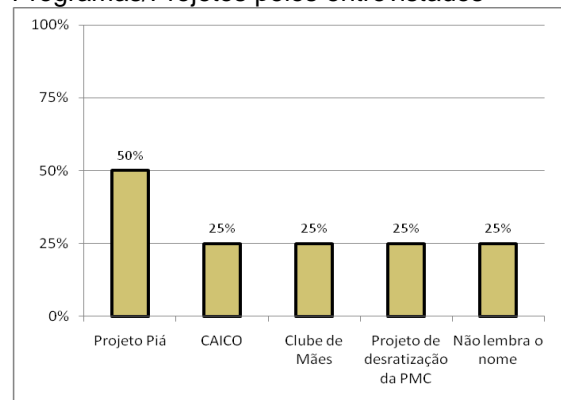


Figura 15- Identificação dos Programas/Projetos pelos entrevistados



Do total de entrevistados, 69% não tem conhecimento de Programas ou Projetos desenvolvidos na Comunidade, 6% afirmaram que não há projeto algum, 25% conhecem Programas/Projetos socioambientais (Figura 14).

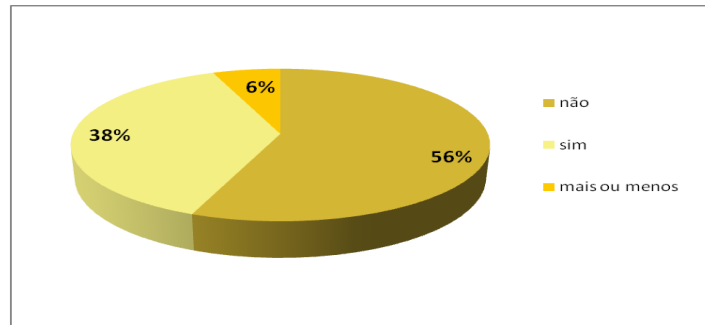
Somente para esses 25% que disseram conhecer, perguntamos quais são esses programas (Figura 15). O maior número de pessoas citaram o Projeto Piá, trata-se de um projeto de educação ambiental da Prefeitura Municipal de Curitiba envolvendo crianças e adolescentes de vários bairros da cidade; desenvolvido nos anos 90, foi perdendo espaço junto ao poder público ao longo do tempo.

Como projeto exclusivo da comunidade da Vila Torres, 25% citaram o CAICO (Centro de Apoio a Integração Comunitária), este centro foi criado por lideranças locais e desenvolve projetos de interesse da Comunidade. Com o mesmo percentual (25%) foram citadas outras iniciativas locais, já exploradas neste trabalho.

Para identificar a percepção dos entrevistados com relação à atuação da Prefeitura Municipal de Curitiba na resolução de problemas, questionamos

inicialmente se “a Prefeitura Municipal é atuante na Comunidade”. As respostas são apresentadas na Figura 16.

Figura 16- Percentual de resposta para a questão “a Prefeitura Municipal é atuante na Comunidade?”

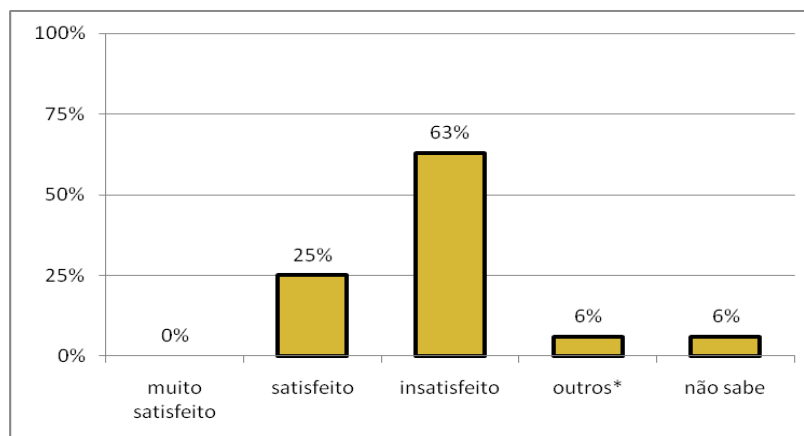


Um grande percentual de pessoas (56%) consideraram que a Prefeitura não é atuante na Comunidade, isso explica tantas iniciativas dos próprios moradores no desenvolvimento de projetos.

Contudo, um percentual representativo de entrevistados (38%) consideram que a Prefeitura se faz presente na Vila.

Posteriormente, perguntamos “qual seu nível de satisfação quanto à atuação da Prefeitura para resolver os problemas socioambientais da Comunidade?”, esta questão serviu para confrontar os dados obtidos na questão anterior. Os resultados são apresentados na Figura 17.

Figura 17- Satisfação dos entrevistados quanto à atuação da Prefeitura na resolução dos problemas socioambientais.



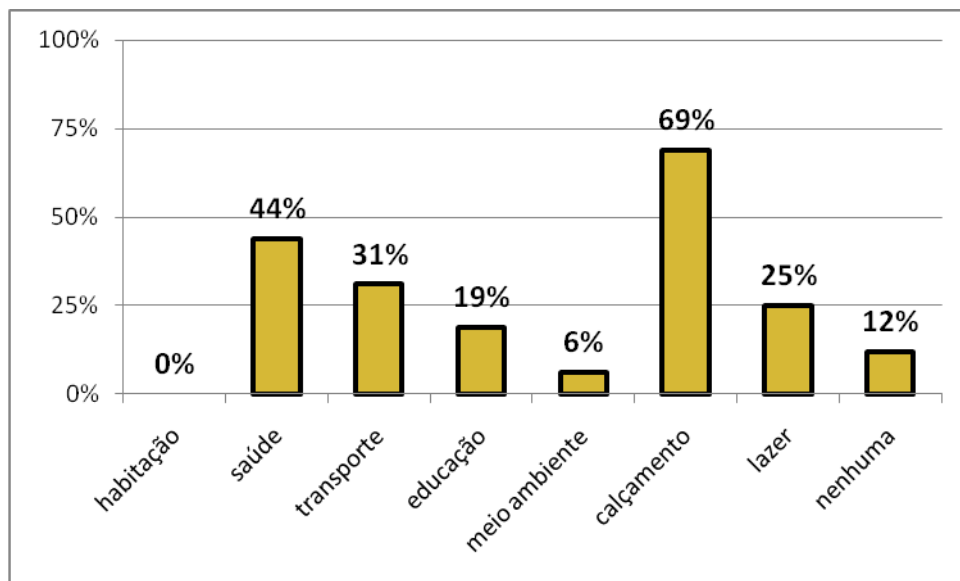
*para a atuação da Prefeitura nas questões sociais, está satisfeito; para as questões ambientais, insatisfeito.

Observamos que 63% dos entrevistados estão insatisfeitos com a atuação da Prefeitura na resolução de problemas socioambientais (Figura 17). Portanto além daqueles que não consideram que a Prefeitura seja atuante na Comunidade (56%, Figura 16), mais algumas pessoas demonstraram estar insatisfeitas.

Ao compararmos o percentual de satisfeitos com a atuação da Prefeitura na resolução de problemas (25%, Figura 17) com o percentual que disseram que a Prefeitura é atuante, 38% mostrados na Figura 16; concluímos que 13% percebe a Prefeitura agindo na Vila, mas não está satisfeito.

Ainda com relação à administração e políticas públicas, perguntamos “em qual dessas áreas a prefeitura está atuando?”, oferecemos uma lista de elementos para o entrevistado escolher. Os percentuais das respostas são apresentados na Figura 18

Figura 18- Áreas em que a Prefeitura está atuando, segundo os entrevistados.

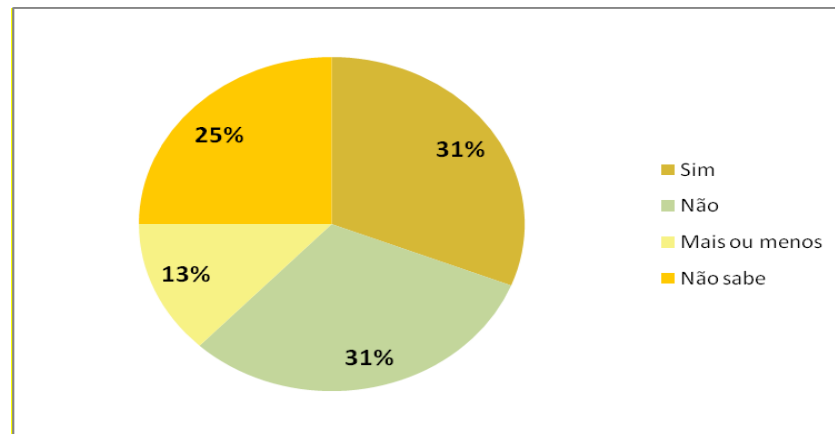


Segundo 69% dos entrevistados, as ações da Prefeitura são mais expressivas nos assuntos relacionados ao calçamento das ruas, seguida por saúde (44%) e transporte (31%). A área de meio ambiente foi a que apresentou o segundo menor percentual de respostas (6%), superando apenas a área de habitação, que não foi mencionada pelos entrevistados.

Verifica-se que a população percebe que as ações da Prefeitura não contemplam as questões ambientais.

Para confrontar com os dados da questão anterior, perguntamos “*você acha que o meio ambiente é importante para a Prefeitura quando ela toma as decisões?*”. Os dados são apresentados na Figura 19.

Figura 19- A consideração do meio ambiente nas decisões da Prefeitura, segundo os entrevistados.



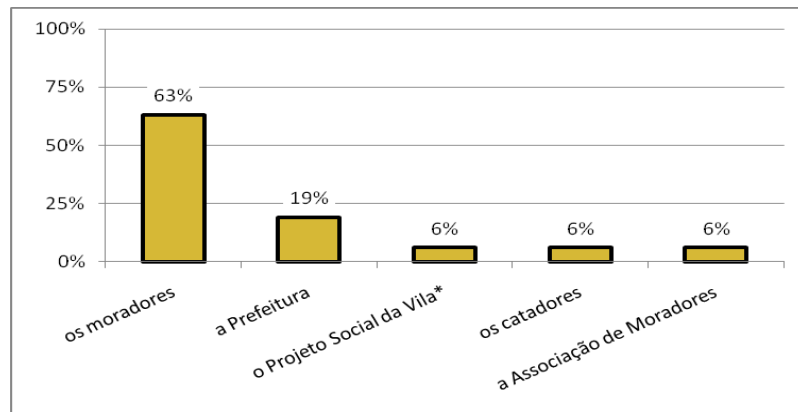
Observamos um número grande de pessoas que ficaram divididas entre o “sim” e o “não”, isto é, 31% entendem que o meio ambiente é considerado pela Prefeitura na tomada de decisões e 31% entendem que o meio ambiente não é levado em conta (Figura 19).

A contradição revela-se quando na questão anterior, aparecem apenas 6% de entrevistados que citaram o meio ambiente como área de atuação da Prefeitura (Figura 18) e na presente questão, 31% dos entrevistados, um número expressivo, disseram que o meio ambiente é considerado para a atuação da Prefeitura.

Verificamos assim, falta de conhecimento das pessoas no que pode ser incluído como assuntos referentes ao meio ambiente. Nesse sentido, também foi notório o percentual de entrevistados (25%) que disseram “*não saber*” se o meio ambiente é considerado nas decisões da Prefeitura. Isso revela dúvidas por parte das pessoas sobre o que é meio ambiente.

Perguntamos “*na sua opinião, quem é o responsável pelo que acontece com o meio ambiente onde você mora?*”, sendo os resultados mostrados na Figura 20.

Figura 20- O(s) responsável (eis) pelo meio ambiente local, segundo os entrevistados



* o Projeto Social da Vila refere-se a iniciativas da própria comunidade através de lideranças locais, como o CAICO.

Um percentual bastante significativo de entrevistados (63%) atribui ao morador a responsabilidade sobre o meio ambiente local.

A Prefeitura Municipal foi citada por 19% dos entrevistados como responsável pelo meio ambiente na Comunidade.

Outros 6% citaram os catadores, nesse sentido, acreditamos que o entrevistado interpretou a “responsabilidade sobre o meio ambiente” como a “colaboração com as questões ambientais”. Sendo assim, os catadores exercem um papel importante.

Para saber sobre a participação da população nos espaços de tomada de decisão instituído pelo poder público local questionamos se nos últimos 4 anos o entrevistado havia participado de alguma tomada de decisão referente à sua comunidade junto à Prefeitura e, caso tenha participado, com que frequência. As Figuras 21 e 22 mostram, respectivamente, as respostas.

Figura 21- Participação dos entrevistados nas tomadas de decisão

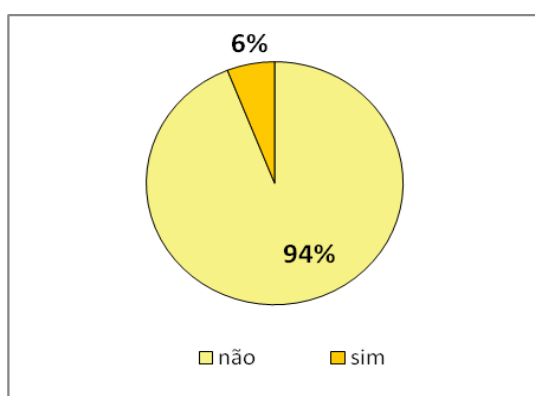
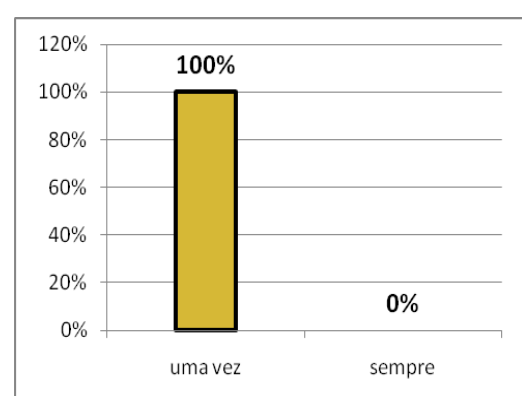


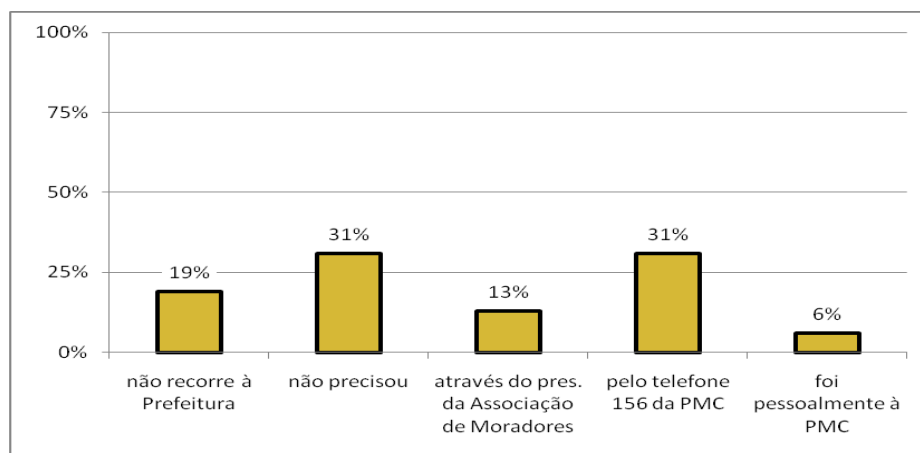
Figura 22- Frequência de participação dos entrevistados.



Quase a totalidade dos entrevistados (94%) nunca participaram das tomadas de decisão referente à sua comunidade junto ao poder público, e do pequeno número de pessoas que disseram ter participado (6%), todas elas participaram apenas uma vez.

A falta de contato com o poder público, através de seus vários departamentos, mantém-se quando perguntamos “*de que forma você recorre à Prefeitura para resolver algum problema?*”. Na figura 23 encontram-se as respostas.

Figura 23- Meios utilizados pelos entrevistados para contatar a Prefeitura.



Obs. O telefone 156 da PM Curitiba refere-se à Central de Atendimento.

Um percentual considerável (37%) recorre diretamente à Prefeitura via telefone e pessoalmente. Esse dado revela, que de alguma forma, o poder público disponibiliza canais de atendimento ao morador, restou saber se foram atendidos na sua solicitação.

A Associação de Moradores também representa um canal importante de representação popular da Vila Torres, por isso muitas pessoas fazem suas solicitações através da Associação, citado por 13% dos entrevistados.

Finalmente, solicitamos aos entrevistados que fizessem alguma sugestão para a Prefeitura na área socioambiental para atuação na comunidade.

Optamos por não apresentar as respostas através categorias representadas em gráfico. Preferimos reproduzir fielmente as falas dos entrevistados no Quadro 5, e indicar ao lado das respostas, as categorias a que se referem. Também, mencionamos ao lado dessas categorias, as questões centrais levantadas pelos entrevistados. As respostas estão organizadas no quadro, segundo a semelhança

das falas entre os entrevistados. Estão diferenciadas através de cores as categorias a que as sugestões se referem.

QUADRO 5- Sugestões dos entrevistados, seu agrupamento em categorias e questões centrais levantadas por eles.

SUGESTÕES DOS ENTREVISTADOS PARA A PREFEITURA	CATEGORIA EM QUE A SUGESTÃO SE ENQUADRA E QUESTÕES CENTRAIS LEVANTADAS
1. “acabar com o acúmulo de lixo nas ruas da Comunidade”.	Serviços – questão central: Lixo:
2. “acabar com o excesso de lixo, fazendo barracões para os catadores”.	Serviços – questão central: Lixo
3. “fazer um local adequado para os catadores, tirando o lixo acumulado nas ruas da comunidade”.	Serviços/Projetos – questões centrais: Lixo e Trabalho e Renda
4. “tirar os carrinheiros da Comunidade para ficar uma Vila bonita. Esse lixo acaba com a gente.”	Serviços – questão central: Lixo
5. “fazer uma cooperativa para manter os catadores de papel concentrados num só lugar, eles são muito explorados pelos donos dos depósitos.”	Projetos – questão central: Trabalho e Renda.
6. “fechar o rio, fazer canalização, porque as pessoas jogam muito lixo e esgoto, atraindo ratos e doenças”.	Serviços – questões centrais: Poluição Hídrica, Lixo, Saneamento Básico, Doenças.
7. “melhorar as condições do Rio Belém; melhorar a questão do lixo acumulado; melhorar as condições da Escola Manoel Ribas”.	Serviços – questões centrais: Poluição Hídrica, Lixo, Educação.
8. “limpar as ruas, pagamos IPTU, temos direito”.	Serviços – questão central: Lixo.
9. “utilizar melhor a verba pública para resolver problemas do esgoto, escolas e esporte”.	Serviços – questões centrais: Saneamento Básico, Educação, Esporte.
10. “construir um local para desenvolver ocupação para os jovens, tirando-os da rua.”	Projetos – questão central: Educação/Formação.
11. “fazer mais espaços relacionados à educação dos jovens (cursos).”	Projetos – questão central: Educação/Formação.
12. “criar projetos para capacitação dos jovens, para incluí-los no mercado de trabalho”.	Projetos – questões centrais: Formação, Trabalho e Renda
13. “construir uma clínica de reabilitação para dependentes químicos”.	Projetos – questão central: Saúde e Violência.
14. “fazer mais arborização e espaços de lazer”.	Serviços – questões centrais: Área Verde e Lazer.
15. “fazer uma maquiagem na Vila, através de restauração das casas e arborização”.	Serviços – questões centrais: Habitação e Área Verde.
16. “sugestões? eles sabem tudo, não fazem porque não querem”.	Questão central: falta de credibilidade no poder público.

As falas dos moradores, de modo geral, dividiram-se entre sugestões da área de prestação de serviços pelo poder público (categoria “serviços”) e desenvolvimento de projetos junto à Comunidade.

As sugestões dos entrevistados referem-se, principalmente à resolução de problemas relacionados ao acúmulo de lixo na Comunidade. Observamos a necessidade urgente da construção de um espaço para os catadores armazenarem o material coletado.

Também a construção de espaços que possibilitem a educação e formação profissional dos jovens da Comunidade, a fim de tirá-los das ruas e inseri-los no mercado de trabalho.

A poluição do Rio Belém aparece como incômodo em alguns discursos dos entrevistados, havendo necessidade de o poder público atuar também nessa questão.

A necessidade de projetos que assegurem trabalho e renda aos moradores foi citada por muitos entrevistados.

Sugestões de arborização na Comunidade aparecem em algumas respostas.

Assim, as colocações feitas pelos entrevistados nessa última questão, juntamente com as outras anteriormente discutidas, permitem que a percepção socioambiental deles indique as fragilidades existentes na atuação da Prefeitura Municipal de Curitiba, entendendo-se que a percepção socioambiental do morador do lugar poderá contribuir para as ações formuladas e implementadas pela administração pública, através de suas políticas.

4.2 Mapas Mentais

Cinco moradores elaboraram mapas mentais ao nosso pedido. Solicitamos que dobrassem a folha ao meio e representassem, de um lado, a Vila Torres como ela é. Caso percebessem necessidades de mudanças no seu espaço de vivência poderiam desenhar, na outra parte, a Vila como gostariam que ela fosse.

Todos eles utilizaram as duas partes da folha, revelando a necessidade de melhorias no seu ambiente.

A partir das semelhanças entre os desenhos, criamos parâmetros para análise, os quais compreendem elementos associados ao meio ambiente, infraestrutura urbana, educação e segurança/violência.

Figura 24- Mapa Mental – morador 1



R., 37anos

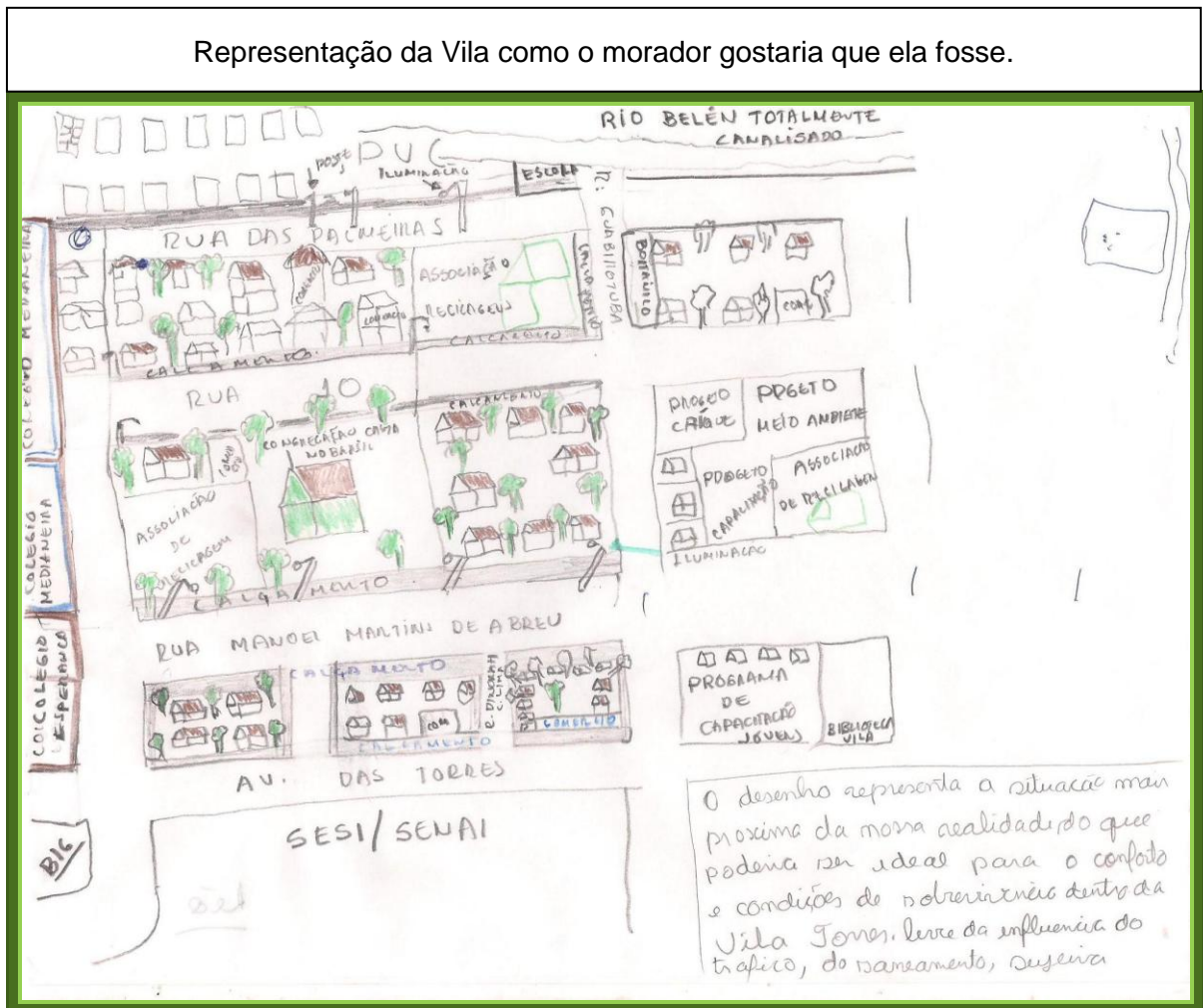
Observamos no mapa mental do morador 1 (Figura 24), a presença de elementos que nos remetem à infraestrutura da Comunidade e à questão da violência.

Na representação da “Vila como ela é”, o morador exteriorizou a preocupação com um grave problema social presente na Comunidade, o tráfico de drogas. Além disso, verificamos a precariedade da casa representada.

Na outra parte (como ele gostaria que a Vila fosse) foi ressaltada a questão da infraestrutura, revelada através de aspectos estéticos presentes no desenho que está mais colorido e com as residências com melhor estrutura arquitetônica.

Verificamos que elementos naturais (árvores, rio) não fizeram parte da representação. A percepção dessa pessoa sobre a Comunidade onde vive está muito ligada às questões antrópicas.

Figura 25 – Mapa Mental - morador 2



L., 45 anos

O morador 2 representou apenas seus anseios com relação à Comunidade, por isso toda sua representação refere-se à Vila como ele gostaria que ela fosse (Figura 25). Mesmo não tendo representado “a Vila como ela é”, a pessoa nos dá pistas de sua percepção sobre a Comunidade, através do desenho que fez da “Vila como gostaria que ela fosse”.

No canto inferior direito do desenho, foi relatado: “o desenho representa a situação mais próxima da nossa realidade do que poderia ser ideal para o conforto e condições de sobrevivência dentro da Vila Torres, livre da influência do tráfego, do

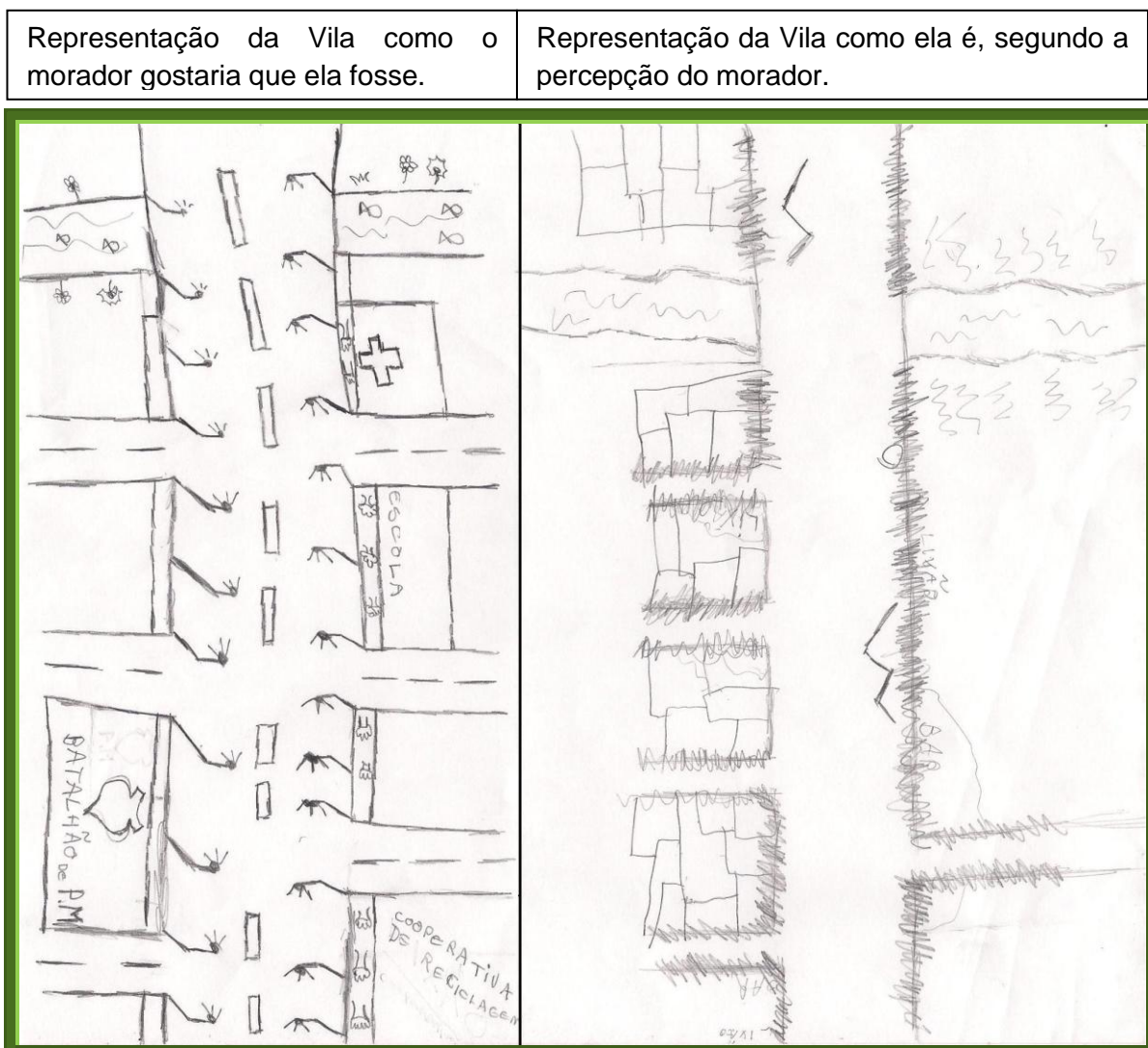
saneamento, sujeira”. Portanto, o morador enfatiza que essa seria a situação ideal dentro das limitações existentes na Comunidade.

Observamos elementos referentes à infraestrutura urbana: iluminação nas ruas, calçamento e rio canalizado. A necessidade de melhorias nessa área foi também revelada no quadro 5 da Análise e Interpretação dos Resultados.

Aparecem nesse desenho, também elementos relacionados à educação e capacitação para os moradores. É muito representativa a quantidade de espaços que esse morador dedicou a programas e projetos: “Programa de capacitação”, “Projeto Meio Ambiente”, “Associação de Reciclagem”, “Projeto Caíque”, entre outros.

A presença de arborização também é notória neste mapa mental.

Figura 26 – Mapa Mental – morador 3

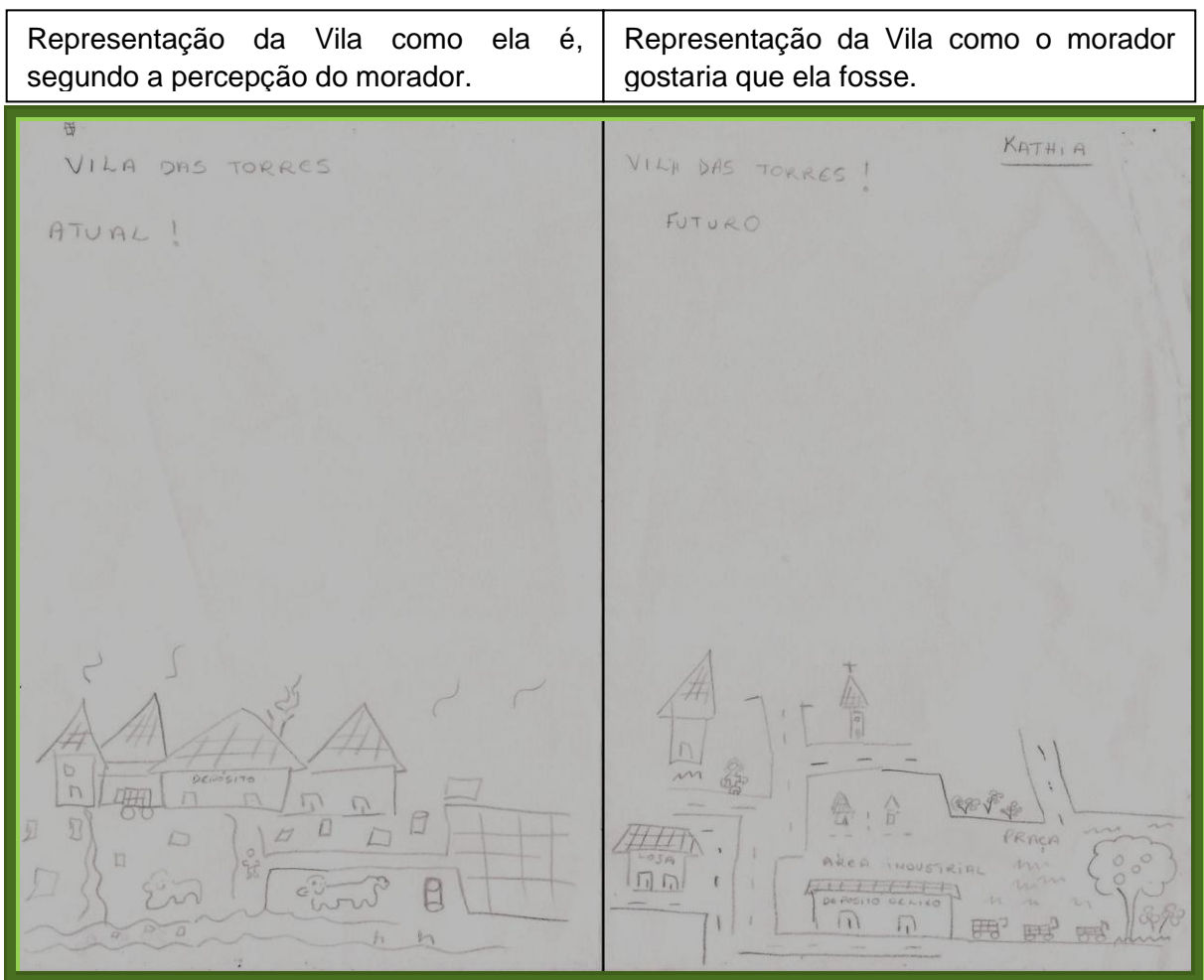


O mapa mental do morador 3 (Figura 26) nos dá indicações de que o morador vê a sua comunidade como um lugar de paisagem deteriorada. Observamos que na parte da Vila como ela é, não houve identificação de nada, a Comunidade aparece sem expressão.

Quando representa a Vila como gostaria que fosse, surgem: iluminação, escola, cooperativa de reciclagem, Batalhão da Polícia Militar, Posto de Saúde, árvores e peixes no rio, revelando também a vontade de ver o Rio Belém despoluído.

Portanto, foram representados elementos referentes ao ambiente e infraestrutura. Essa percepção também confirma as necessidades apresentadas no quadro 5 da Análise e Interpretação dos Resultados.

Figura 27 – Mapa Mental – morador 4

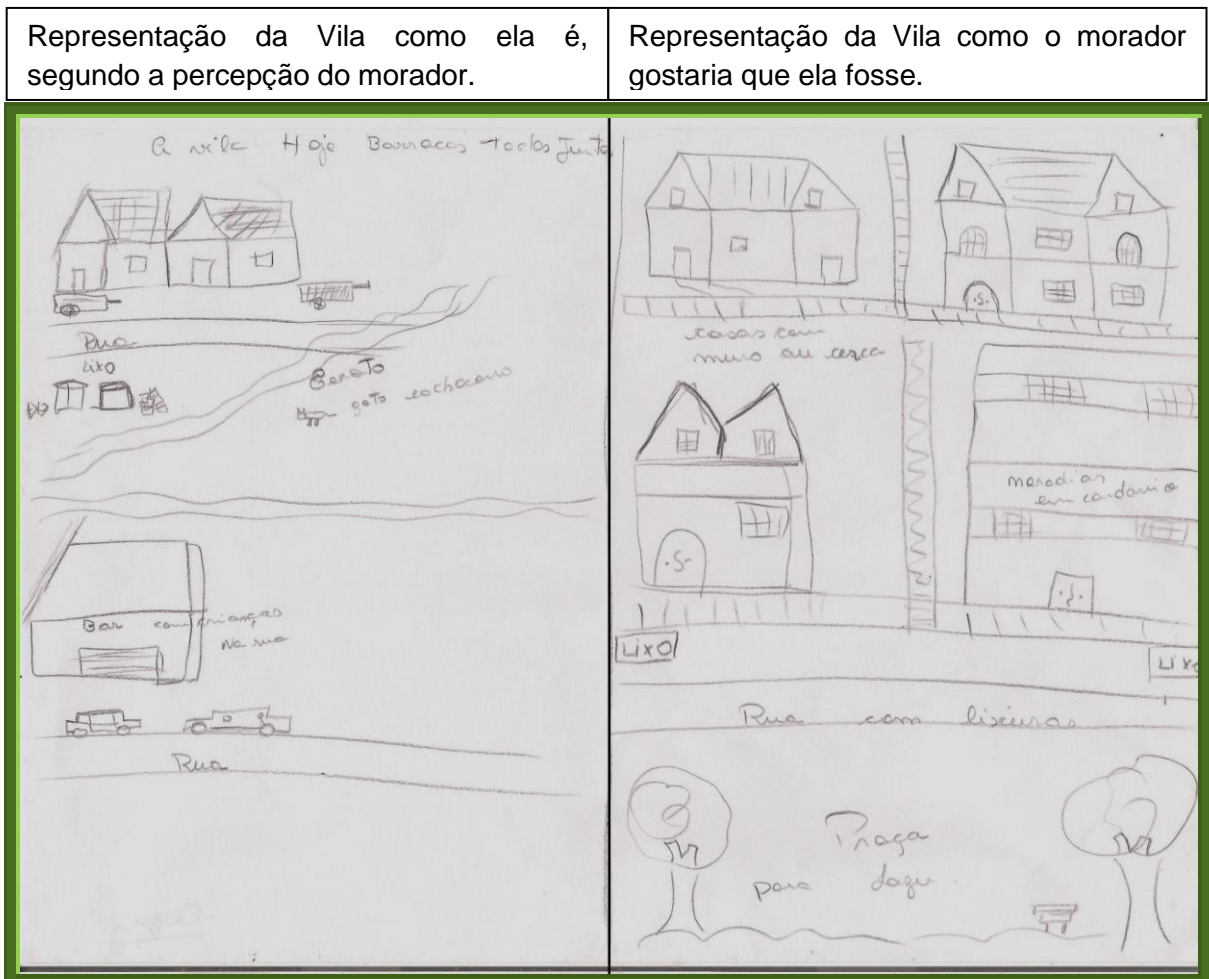


K., 30 anos

O morador 4 revelou sua percepção da Vila como ela é, trazendo elementos relacionados com a degradação do ambiente: fumaça gerada pela queima do lixo nos depósitos, animais nas ruas e o rio poluído.

Na outra parte, aparece a Comunidade com arruamento melhor definido no espaço, uma área destinada somente aos depósitos de lixo reciclável, mais distantes das residências. Observamos a presença de árvores, flores, igreja e seres humanos, esse foi o único mapa mental em que os Homens foram representados. A ideia de interação Homem-meio fica bem representada aqui (Figura 27).

Figura 28- Mapa Mental – morador 5



E., 41 anos.

O morador 5 “denuncia” alguns problemas da Comunidade através de seu mapa mental (Figura 28): adensamento das casas (foi indicado no desenho “barracos todos juntos”), lixo nas ruas, esgoto a céu aberto, animais soltos e

crianças ociosas nas ruas. Verificamos aí problemas relacionados diretamente ao meio ambiente e problemas associados a questões sociais.

Verificamos que no desenho de como gostaria que a Vila fosse a pessoa sente a necessidade cercamento dos terrenos através de muros ou cerca. Também a presença de lixeiras nas ruas e praça para lazer, além de arborização.

Observamos que todas as representações se aproximaram com relação aos elementos e objetos desenhados. Porém, só houve representação de seres humanos no mapa feito pelo morador 4.

Conseguimos identificar através das interpretações mentais refletidas nas imagens que os moradores têm consciência dos problemas de sua Comunidade. Ficaram bem claros nas representações os sérios problemas socioambientais enfrentados pelos moradores da Vila Torres.

Representaram o seu cotidiano com questões a serem resolvidas pelos gestores públicos: acúmulo de lixo, animais nas ruas, falta de áreas verdes, falta de infraestrutura urbana, como iluminação, revitalização/restauração das construções, saneamento básico, locais apropriados para reciclagem, locais para capacitação dos jovens; criação de áreas verdes.

Portanto, os mapas mentais confirmam os dados obtidos através das entrevistas.

Concluimos que os moradores sabem o que precisa ser feito para melhorar seu espaço de vivência, mas se trata aqui do “grito dos excluídos” que não tem ressonância junto ao poder público. Assim, as vontades, os anseios permanecem encapsulados em cada morador, aguardando que alguém considere suas percepções nas tomadas de decisão.

4.3 História de Vida

J. C, comerciante, 49 anos de idade, morador da Vila Torres há 35 anos.

Eu nasci em Minas Gerais, depois fui para o oeste do Paraná com minha mãe e minha irmã; lá fomos despejados pelos grileiros. Daí fui com minha mãe para o Paraguai, ficamos lá e cá, vivendo no Paraguai e em Curitiba, isso com a ajuda das pessoas.

Em 1975 a gente fixou residência em Curitiba: eu, minha mãe e minha irmã doente. Meu sonho: construir uma casa. Fiz uma casa com as vigas e compensados que vinha do centro da cidade pelo Rio Belém, havia muitas casas de madeira na época e o rio trazia muitos desses materiais do centro.

Em 1979 era impossível sonhar! (emoção). A igreja dava força para a gente conseguir sonhar. Existia a necessidade de uma fé, uma crença (emoção). Pessoas ligadas às igrejas, centro comunitário, igreja Nossa Senhora Aparecida ali embaixo; começaram a medir lotes e passar ruas. As pessoas vinham com enxadas, faziam almoço comunitário, faziam ruas e loteavam. Cada família foi delimitando seu espaço na Vila.

Eu sempre quis morar numa esquina e ter um comércio (riso). Havia quem não gostasse disso, achavam que as esquinas eram locais de muitos maloqueiros. Com o tempo, outros moradores passaram a ter preferência pelas esquinas.

Aos 17, 18 anos comecei a trabalhar na PUC como jardineiro, com ajuda do Irmão Paulo. O salário era muito baixo.

Meu objetivo era construir uma casa de alvenaria para poder viver com minha mãe e minha irmã doente. Eu me perguntava: “que tipo de homem eu sou”? preciso sustentar minha mãe e minha irmã! (emoção).

O Irmão Paulo da PUC começou a olhar a Vila Torres com carinho. Consegui fazer um curso de datilografia, passei a ter contato com alunos da PUC, percebia a formação intelectual deles e comecei a acreditar na capacidade de transformação.

O ser humano que sonha é ilimitado. Meu sonho era ser advogado, chegou o momento em que percebi que era impossível! Mas o sonho da construção da casa permaneceu (emoção).

Chegou o momento de avaliar se estudava, fazia curso superior e não cuidava da minha mãe e da minha irmã???? Falei com o Irmão Paulo, expliquei as dificuldades e saí da PUC (pausa).

Depois fui trabalhar numa xerocaria e fazia trabalhos de datilografia também.

Depois fui levado para trabalhar no DETRAN do Tarumã, na parte de psicologia. Lá percebi muitas coisas erradas: pessoas com deficiência física conseguiam a carteira. Mas eu não me deixei corromper! Cresci como ser humano, com ética (expressão de revolta).

Um dia, eu estava muito triste: tinha panela e não tinha comida. (pausa e olhar distante).

Havia uma fila para emprego na Brahma, fui para essa fila. Passei pela psicóloga da empresa e depois fui falar com um chefe alemão. A psicóloga e o chefe começaram a conversar em alemão na minha frente, eu consegui traduzir algumas coisas dessa conversa: “não sou eu quem aprovo!”. Entendi que estavam com preconceito comigo, me mandaram para casa aguardar contato.

Decidi ligar para aquela psicóloga e contei o que entendi naquela conversa dela com o alemão. Daí ela acabou me colocando na Brahma, mas em outra área, lugar de serviço pesado, carregando caixas. Fiquei lá por sete anos.

Minha mãe já estava muito doente. Consegui mudar de área dentro da Brahma, fui para o “controle de qualidade”, ganhei aumento de salário. O sonho de construir minha casa voltou e comecei a construção.

Foi essa vontade de fazer minha casa que me fazia trabalhar duro. Fiz as bases da minha casa com estrutura para sobrado, chegou um parente e falou que aquilo ia cair porque a estrutura não estava boa!

Fiquei transtornado (pausa e olhar distante). Veio uma tempestade e derrubou os tijolos da casa do vizinho encima da minha laje, que susto!

Minha preocupação hoje é com os jovens sem sonho, não é o jovem em si; se eu tive sonho é porque tive uma família. Famílias ricas, desestruturadas, onde falta o incentivo; os jovens procuram, mas não acham incentivo.

Eu sempre falo para minha filha: rico para mim são aqueles que lutam, que praticam a solidariedade.

Dinheiro e felicidade não vivem juntos.

O índio está feliz! Não precisamos ter dó dele!

Os valores internos é que nos colocam esses limites.

Existem pessoas boas, mas não vão á igreja, é necessário fé e valores.

História de Vida ouvida em 01/05/2011

Observamos que o morador fez uma retrospectiva de sua vida, pontuando os momentos que mais o marcaram: a vinda para Curitiba, o sonho da construção da casa, a mobilização das pessoas da comunidade na formação da Vila, a busca por trabalho, a responsabilidade de cuidar da família, a importância dos valores e da fé na vida da pessoa.

Percebemos no relato do morador a necessidade de se auto-afirmar como “pessoa de bem”, os fragmentos abaixo revelam bem isso:

[...] “mas, eu não me deixei corromper! Cresci como ser humano, com ética”.

“Existem pessoas boas, mas não vão á igreja, é necessário fé e valores”.

“Eu sempre falo para minha filha: rico para mim são aqueles que lutam, que praticam a solidariedade”.

Observamos que o sonho da construção da casa, a necessidade de construir um “lugar”, foi perseguido por ele até conseguir realizá-lo. Vejamos o fragmento abaixo.

“Foi essa vontade de fazer minha casa que me fazia trabalhar duro”.

O morador refere-se à mobilização dos moradores para construção das primeiras casas com orgulho de ter participado daquele momento.

“As pessoas vinham com enxadas, faziam almoço comunitário, faziam ruas e loteavam. Cada família foi delimitando seu espaço na Vila”.

Interessante a passagem em que o morador lembra que o contato com estudantes da PUC levou-o a acreditar na capacidade de transformação da realidade dura em que vivia.

[...] “passei a ter contato com alunos da PUC, percebia a formação intelectual deles e comecei a acreditar na capacidade de transformação.”

A História de Vida aqui apresentada é muito expressiva para evidenciar como foram os primórdios da formação da Vila Torres e os valores que muitos, como ele, cultivava dentro da Comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tivemos a oportunidade de conhecer o cotidiano de pessoas que lutam por um espaço na capital do estado do Paraná.

Nosso principal objetivo foi conhecer como os moradores da Vila Torres percebem o ambiente em que vivem e tornar visíveis essas subjetividades.

Nesse sentido, podemos afirmar que a constituição e consolidação da comunidade da Vila Torres representa para seus moradores, sobretudo o resultado de anos de luta por um espaço na cidade de Curitiba.

Entretanto, a obtenção desse espaço físico não foi acompanhada por conquistas político-sociais. A comunidade da Vila Torres continua sendo vista como enclave social na cidade.

Curitiba, durante muito tempo, figurou na mídia como “Capital Ecológica”, “Capital Social”; enquanto uma área tão próxima ao seu centro permanece por mais de cinco décadas, com uma urbanização sofrível.

Souza-Lima (2006) enfatiza que na construção dessa imagem positiva da Cidade, algumas questões foram relegadas a segundo plano. Enquanto os gestores se preocupavam com a aparência, a essência da “Capital Social” trazia o aumento do número das favelas e da violência.

Segundo ele,

[...] trata-se de uma projeção discursiva daquilo que efetivamente não ocorre no mundo vivido. É um discurso no qual Curitiba fala para si mesma, na tentativa de realizar no universo da retórica tudo aquilo que não consegue realizar no mundo prático. (SOUZA-LIMA, 2006 p. 77).

Nesse mundo prático está a Vila Torres. Ao conhecer como os moradores dessa Comunidade percebem o ambiente onde vivem; identificamos em seus relatos, desenhos, sorrisos e angústias algumas questões que merecem ser consideradas por quem se interessar em desenvolver políticas públicas para essa parcela da população curitibana: a preocupação com o futuro de suas crianças, o aspecto estético da Vila que se apresenta sobrecarregado de lixo nos quintais, o grande número de animais soltos (sobretudo, cachorros e cavalos) que circulam pela comunidade, o número de ratos e baratas que crescem a cada dia juntamente com o medo de doenças como dengue e leptospirose. Além da necessidade urgente da construção de uma cooperativa para os catadores.

Durante as conversas com muitos moradores, percebeu-se a necessidade de se auto-afirmarem como “pessoas de bem”, isso foi revelado através de expressões como: “*sou trabalhador, não me envolvo com os ‘problemas’ da Vila*” (leia-se tráfico de drogas); “*meus filhos só saem para ir à escola*”; “*ganho meu dinheiro honestamente*”. Talvez essa auto-afirmação venha da necessidade de dizerem para a sociedade em geral (da qual parecem não fazer parte) que eles merecem respeito, não devem ser discriminados e necessitam ser reconhecidos socialmente.

Esses atores sociais, vítimas da segregação socioespacial, ao lutarem pelo direito à cidade aos serviços urbanos, nos obrigam a pensar numa outra ecologia, outra maneira de pensar a sustentabilidade; que articule “justiça social e justiça ecológica”, conforme defende Leonardo Boff.

Para isso, é necessário recuperar as funções do Estado para garantir os direitos básicos, a cidadania, o combate à especulação, a elaboração e implementação de políticas públicas ambientais, habitacionais, de saúde etc.

Verificamos que a Comunidade da Vila Torres permanece à margem das formulações das políticas públicas. O saneamento básico continua com problemas, o acesso à moradia digna, a geração de renda e outras necessidades básicas nunca, ou dificilmente, apareceram como prioridade a ser resolvida.

Quando se fala em elaborar políticas públicas ambientais, na maioria das vezes, ouvimos falar em educação ambiental tendo como público alvo as populações mais carentes. Mesmo reconhecendo a importância de promover a educação ambiental nas camadas de baixa renda, não podemos deixar de considerar que o fato de sempre eleger somente os pobres como aqueles que necessitam de educação ambiental, significa atribuir a eles a responsabilidade pela degradação do ambiente.

Isso ocorre não só por questões ideológicas, mas pelo fato de muitos gestores públicos terem uma visão bastante restrita na identificação do que pode ser considerado “problema ambiental”. Trata-se de uma visão de meio ambiente externo às relações sociais, que não considera a desigual distribuição de acesso ao espaço.

A comunidade que estudamos vive ameaçada pelas doenças vindas do lixo, pelos animais transmissores de doenças, pela falta de espaços de geração de renda, pela falta de programas e projetos que motivem seus jovens a deixarem as

ruas etc. Clamam por seus direitos, podemos aqui falar de um outro ambientalismo ou de uma outra ecologia, a ecologia dos pobres.

Os especialistas técnicos, pensam as políticas públicas ambientais quase sempre para “corrigir” e não para transformar de fato a realidade dos atores sociais envolvidos no conflito.

Também fez parte dos objetivos desta monografia apreender quais são as necessidades e expectativas da comunidade para a criação de políticas que atendam seus anseios.

Nesse sentido, os sujeitos desta pesquisa apontaram e priorizaram a urgente necessidade da construção de espaços para os catadores de lixo reciclável poderem armazenar o material coletado, também a implantação de cursos profissionalizantes para os jovens da comunidade, a elaboração de programas/projetos para a geração de trabalho e renda aos moradores e a melhoria das condições do Rio Belém. Fica aqui clamor por políticas públicas que atendam suas reais necessidades, que os reconheçam social e politicamente e lhes permitam o acesso à cidade e aos bens públicos.

Fica evidente em estudos como este, a dificuldade por parte dos gestores das políticas públicas, em considerarem as populações das camadas mais pobres além de “problema social”; de incluí-los como pessoas capazes de propor ações e soluções; capazes de gerar e conduzir suas próprias políticas públicas, com o apoio do poder público.

Buscamos também com a pesquisa, identificar as estratégias desenvolvidas por essa parcela da população curitibana para construir suas vidas num cenário de exclusão social e degradação ambiental. Neste sentido, o que observamos foi que os moradores da Comunidade, buscam por conta própria resolver seus problemas mais urgentes (já bastantes mencionados neste trabalho), existe um sentimento de abandono nos cidadãos da Vila Torres. Esse sentimento reflete a fragilidade nas ações do poder público nas esferas municipal e estadual junto a essa Comunidade.

Gostaríamos ainda de reafirmar que a constante busca por soluções para os problemas ambientais exigem união de esforços políticos, econômicos e sociais comprometidos com uma nova concepção de desenvolvimento e de ecologia. Certamente, essas novas concepções não se originarão das elites dominantes de nosso país e nem do Norte desenvolvido.

REFERÊNCIAS

- BIANCHINI, Fabiana A. **Vila Torres: Os espaços de representação e as relações de poder**. Curitiba, 2006. Dissertação de Mestrado em Geografia, Universidade Federal do Paraná.
- BONI, V. & QUARESMA, S.J. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.
- BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus S. Soares. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRANDÃO, M. de A. **Milton Santos: lugar, tempo, emoção**. Caderno CRH, Salvador, n.24/25, p.307-310, 1996.
- COSGROVE, Denis. **A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROZENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.123p. p.92-123.
- DAVANSO, Sônia Maria. **Meio ambiente e gravidez na adolescência: um estudo de desenvolvimento humano em uma vila de recicladores de lixo em Curitiba, PR**. Curitiba, 2001. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade Federal do Paraná.
- DUARTE, Fábio. **Rastros de um rio urbano – cidade comunicada, cidade percebida**. Revista Ambiente & Sociedade – Vol. IX nº2. jul./dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/asoc/v9n2/v9n2a06.pdf>. Acesso em 11 jul 2011.
- ELALI, G. A. **O ambiente da escola – o ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola–natureza em educação infantil**. Estudos de Psicologia, Natal, v. 8, n. 2, p. 165, ago. 2003.
- EVANGELISTA, Helio de A. **Geografias moderna e pós-moderna: os debates recentes**. Artigo publicado no Boletim do Grupo de Estudos Geopolíticos nº 2/ano 2, Departamento de Geografia, UFF, em março/97.
- FREY, Klaus. **Políticas Pública: um debate conceitual e reflexões referentes à prática da análise de políticas públicas no Brasil**. Planejamento e Políticas Públicas, n.21, 2000.
- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra e cultura de sustentabilidade**. Revista Lusófona de Educação. n.6. Universidade Lusófona de Humanidades e tecnologias. Lisboa, 2005, pág. 15-29.
- GUERREIRO, O. et al. **Definição de uma metodologia para modelagem de agentes inteligentes difusos a partir da técnica de mapas mentais: Um estudo de caso baseado na percepção e comportamento de usuários da praia Brava, SC – Brasil**. Rio Claro/SP: Olam –Ciência e Tecnologia, 2005

IPPUC, **Instituto de Pesquisa de Curitiba**, site- www.ippu.pr.gov.br, acesso em 10/06/2011.

KOZEL T. S. e NOGUEIRA. A. R. B. A. **Geografia das Representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida**. In: Revista do Depº de Geografia de São Paulo. FFLCH-USP. (1999, (13)239-257).

LAZAROTO, A. C.. **Como ela é: a Vila das Torres contada por seus moradores**. Curitiba: Linguaruda, 2004.

LAKATOS, Eva M. & MARCONI, Marina de A. **Técnicas de pesquisa**. 3a edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

MACEDO, R. L. G. **Percepção e Conscientização Ambientais**. Lavras: UFLA/FAEPE, 2000.

MARIN, Andreia A. **Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental**. Revista de Pesquisa em Educação Ambiental, cidade, v.3, n. 1, p. 203-222, UFSCAR- USP- UNESP 2008.

MARTINEZ ALIER, J. **El ecologismo de los pobres: conflictos ambientales y lenguajes de valoración**. Barcelona: Icaria Editorial; 2005.

MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 2a edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

OLIVEIRA, N. A. **A percepção dos resíduos sólidos (lixo) de origem domiciliar, no bairro Cajuru- Curitiba-PR: um olhar reflexivo a partir da educação ambiental**. 2006. 158 f. Dissertação (Mestrado) - curso de Geografia -UFPR, Curitiba - PR, 2006

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez. 2010. 637páginas.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **O espaço do cidadão**. 2. ed. São Paulo: Nobel, 1993.

_____. **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994 compilado por Milton Santos, Maria Adélia de Souza e Maria Laura Silveira.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **O retorno do território**. In SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.; SILVEIRA, Maria Laura. (org's). Território: globalização e fragmentação. São Paulo: HUCITEC, 1996, 3ª ed., p.15-20.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.

SEEMANN, Jörn. **Mapas e percepção ambiental: do mental ao material e vice-versa**. Vol. 3, nº1, p. 200-223, setembro de 2003. Rio Claro.

SILVA, Armando C. **Fenomenologia e Geografia**. In: REVISTA ORIENTAÇÃO n. 7. São Paulo: Departamento de Geografia/ USP. p.53-56. 1986.

SOUZA –LIMA, J.E de. **A construção do imaginário ecológico de Curitiba – o preço da fama**. In OLIVEIRA, G. B.; LIMA, E. S. O Desenvolvimento sustentável em foco: uma contribuição multidisciplinar. São Paulo: Annablume, 2006.

TEIXEIRA, Elenaldo Celso. **O papel das Políticas Públicas no desenvolvimento local e na transformação da realidade**. In: Cadernos da AATR –BA (Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais no Estado da Bahia), Bahia, p. 1-11, 2002.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difusão Editorial S.A., 1980.

_____. **Espaço e Lugar. a perspectiva da experiência**. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

_____. **Topofilia: un estudio de las percepciones, actitudes y valores sobre el entorno**. Trad. De Flor Durán de Zapata. Espanha: Melusina, 2007.

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar: turismo, planejamento**. São Paulo: Contexto, 2001.

APÊNDICE

Questionário 19/06/11 Vila Torres – Curitiba/PR

1. Nome _____
2. Idade _____
3. Ocupação _____
4. Escolaridade _____
5. Tempo de residência na Vila _____
6. Cidade de origem _____
7. Renda mensal familiar _____
8. Qual a primeira palavra que vem à sua cabeça quando o assunto é meio ambiente?

9. O que você entende por meio ambiente?

10. Quais dos elementos a seguir fazem parte do meio ambiente

matas () água () rios () solo/terra ()

ar () animais () campos/sítios () minerais ()

mares () seres humanos () planetas () energia ()

idades () moradias ()

11. Você acha importante preservar o meio ambiente? Por quê?

12. O que você considera como problema ambiental? Quais acontecem aqui na comunidade?

Problemas Ambientais	Acontecem aqui na comunidade

13. Diga uma palavra ou frase que traduza a Vila Torres para você

14. Qual a importância das leis que protegem o meio ambiente?

15. Você conhece algum Programa/Projeto ambiental que esteja sendo desenvolvido na sua região? Qual?

16. *A Prefeitura Municipal é atuante na comunidade?*

sim () não () não sei ()

17. *Qual seu nível da satisfação quanto à atuação da Prefeitura na comunidade para solucionar os problemas socioambientais da comunidade?*

Muito satisfeito () satisfeito () insatisfeito () não sabe ()

18. *Em qual dessas áreas a prefeitura está atuando?*

*habitação () transporte () meio ambiente () lazer ()
saúde () educação () calçamento ()
nenhuma ()*

19. *Você acha que o meio ambiente é importante para a Prefeitura quando ela toma as decisões?*

Sim () não () não sei () mais ou menos ()

20. *Em sua opinião, quem é responsável pelo que acontece com o meio ambiente onde você mora?*

21. *Nos últimos 4 anos você participou de alguma tomada de decisão referente à sua comunidade junto à prefeitura? Com que frequência?*

*Sim () não () algumas vezes ()
sempre ()*

22. *De que forma você recorre à Prefeitura para resolver algum problema?*

23. *Faça alguma sugestão para a prefeitura na área ambiental e social para atuação na sua comunidade.*
